

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

RODRIGO FRONZA DE ALMEIDA

**O FUTEBOL AMERICANO NO RIO GRANDE DO SUL E A DIVULGAÇÃO DA
RÁDIO GAÚCHA EM PODCAST**

PORTO ALEGRE
2018

RODRIGO FRONZA DE ALMEIDA

**O FUTEBOL AMERICANO NO RIO GRANDE DO SUL E A DIVULGAÇÃO DA
RÁDIO GAÚCHA EM PODCAST**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Sandra de Deus

PORTO ALEGRE
2018

CIP - Catalogação na Publicação

Fronsa de Almeida, Rodrigo
O Futebol Americano no Rio Grande do Sul e a
divulgação realizada pela Rádio Gaúcha em Podcast /
Rodrigo Fronsa de Almeida. -- 2018.
78 f.
Orientador: Sandra de Deus.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,
Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Jornalismo esportivo. 2. Futebol Americano. 3.
Podcast. 4. Rádio Gaúcha. I. de Deus, Sandra, orient.
II. Título.

RODRIGO FRONZA DE ALMEIDA

**O FUTEBOL AMERICANO NO RIO GRANDE DO SUL E A DIVULGAÇÃO DA
RÁDIO GAÚCHA EM PODCAST**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof. Dra. Sandra de Deus

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Sandra de Deus - Orientadora

Prof. Dr. Luis Artur Ferraretto – UFRGS

Prof. Dr. Basilio Alberto Sartor – UFRGS

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Márcia e Valdir, que me deram todo apoio necessário para a conclusão de mais essa etapa da minha vida. Sem eles ao meu lado tenho certeza que nada disso seria possível.

Aos meus melhores amigos, que me acompanham desde a minha formação escolar no Instituto de Educação General Flores da Cunha, em Porto Alegre.

À minha orientadora, professora Sandra de Deus, pela dedicação no processo de produção deste trabalho.

Aos professores e amigos do curso de Jornalismo que também fizeram parte dessa caminhada durante todos esses anos.

Resumo

Este trabalho analisa a história do futebol americano no Rio Grande do Sul e a comunicação realizada pela Rádio Gaúcha por meio de uma série de *podcasts* denominados “ExtraPoint”, disponibilizados em um de seus antigos blogs, o Touchdown Gaúcha, em 2016. O objetivo dessa análise busca entender o modo de produção desses *podcasts*, além de obter conhecimento sobre as possíveis dificuldades para o jornalismo esportivo na apuração, na transmissão e na divulgação desse esporte. Como contextualização, é apresentada a história do esporte no Rio Grande do Sul, além de estudos e questões pertinentes ao jornalismo, jornalismo esportivo especializado e *podcasts*. A metodologia utilizada para este estudo foi a análise de conteúdo. Foram coletados 17 episódios do blog Touchdown Gaúcha entre os dias 18 de fevereiro a 21 de junho de 2016, período em que aconteceu o Campeonato Gaúcho de Futebol Americano. Os episódios foram divididos em cinco categorias, conforme gêneros jornalísticos. Para cada uma delas foram classificadas subcategorias a partir dos assuntos abordados nos episódios selecionados. Ao final, constatou-se que o *podcast* ExtraPoint desenvolveu, no período em que foi produzido, um trabalho consistente de comunicação sobre o esporte no Estado gaúcho. O estudo comprova também o caráter jornalístico da utilização do *podcast* como meio de transmissão de notícias. Dessa forma, outros segmentos esportivos podem ganhar espaço em grandes veículos de comunicação por meios alternativos como o *podcast*.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo; Futebol Americano; Podcast; Rádio Gaúcha

Abstract

This work analyzes the history of American football in Rio Grande do Sul and the communication carried out by Rádio Gaúcha through a series of podcasts called "ExtraPoint", made available in one of its old blogs, the Touchdown Gaúcha, in 2016. The objective of this analysis seeks to understand the mode of production of these podcasts, in addition to obtaining knowledge about possible difficulties for sports journalism in the calculation, transmission and dissemination of this sport. As contextualization, the history of sports in Rio Grande do Sul is presented, as well as studies and issues pertaining to journalism, specialized sports journalism and podcasts. The methodology used for this study was content analysis. A total of 17 episodes of the Gaucho Touchdown blog were collected between February 18 and June 21, 2016, during which time the Gaucho Football Championship took place. The episodes were divided into five categories, according to journalistic genres. For each one of them were classified subcategories from the subjects approached in the selected episodes. At the end, it was verified that the podcast ExtraPoint developed, during the period in which it was produced, a consistent work of communication about the sport in the State of Rio Grande do Sul. The study also proves the journalistic nature of the use of the podcast as a means of transmitting news. In this way, other sporting segments can gain space in large media vehicles through alternative means such as the podcast.

Keywords: Sports journalism; Football; Podcast; Gaúcha Radio

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dimensões do campo de Futebol Americano.....	37
Figura 2 – Traves utilizadas para marcação de pontos.....	37
Figura 3 – Ilustração da bola utilizada em jogos.....	38
Figura 4 - Posicionamento dos jogadores de ataque e de defesa dentro do campo.....	40
Quadro 1 - Divisão dos gêneros jornalísticos em subcategorias.....	74

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 HISTÓRIA DO FUTEBOL AMERICANO	15
2.1 O surgimento de um esporte chamado Futebol Americano	15
2.2 Futebol Americano no Brasil	18
2.2.1 Confederação Brasileira de Futebol Americano (CBFA)	18
2.2.2 Torneio Touchdown: a primeira grande competição nacional	18
2.2.3 Campeonato Brasileiro de Futebol Americano	19
2.2.4 Copa Sul de Futebol Americano	20
2.2.5 A história no Rio Grande do Sul	21
2.2.6 A Federação Gaúcha de Futebol Americano (FGFA)	24
2.2.7 Copa RS de Futebol Americano	25
2.3 Perfil das equipes gaúchas	25
2.3.1 Armada Futebol Americano	26
2.3.2 Venâncio Aires Bulldogs	26
2.3.3 Canoas Bulls	27
2.3.4 Buriens Football	27
2.3.5 Santa Cruz Chacais	28
2.3.6 Erechim Coroados	28
2.3.7 Ijuí Drones	29
2.3.8 Porto Alegre Gorillas	30
2.3.9 Juventude Futebol Americano	30
2.3.10 Canoas Jaguars	31
2.3.11 Cruzeiro Lions	31
2.3.12 Viamão Raptors	32
2.3.13 Bento Gonçalves Snakes	32

2.3.14 Santa Maria Soldiers	33
2.3.15 Gravataí Spartans	34
2.3.16 Carlos Barbosa Ximangos	35
2.4 Por dentro do Jogo (os principais conceitos do futebol americano)	36
2.4.1 As posições dos jogadores dentro do campo	38
2.4.2 A pontuação e o tempo de jogo	40
3 JORNALISMO E PODCAST: o uso desse meio para a comunicação esportiva	42
3.1 Jornalismo e seus gêneros	42
3.1.1. A presença dos esportes na imprensa mundial	46
3.1.2 A mídia esportiva brasileira	48
3.2. O especialista	53
3.3 Jornalismo na internet e o <i>podcast</i>	56
3.3.1 Podcasting: micromídia ou mídia de nicho?	57
3.3.2 A produção e a interação com os ouvintes	59
3.3.3 Distribuição e acesso	60
4 A COMUNICAÇÃO DA RÁDIO GAÚCHA POR MEIO DO PODCAST	
EXTRAPOINT	62
4.1 A contribuição da imprensa para a evolução do esporte no Estado	64
4.2. Registrando a história	66
4.3 A análise do <i>podcast</i> ExtraPoint	67
4.3.1 Gênero Informativo	70
4.3.2 Gênero Opinitivo	71
4.3.3 Gênero Interpretativo	72
4.3.4 Gênero Utilitário	73
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
6 REFERÊNCIAS	78

1. Introdução

O Futebol Americano é um dos esportes que mais crescem no Brasil. De acordo com um levantamento realizado pelo jornal *The Independent*, em 2015, o País pentacampeão no futebol tradicional, praticado com os pés, ficou em segundo lugar entre os consumidores da bola oval fora dos Estados Unidos, com 19,7 milhões de fãs. O Brasil ficou atrás apenas do México, com 23,3 milhões de entusiastas. O primeiro lugar ficou, claro, com os Estados Unidos, onde a pesquisa constatou cerca de 115 milhões de fãs, segundo o mesmo estudo nesse ano. De acordo com dados da ESPN, uma das emissoras de televisão responsáveis pela transmissão dos jogos da Liga Norte-Americana (National Football League - NFL), a audiência do segmento cresceu 800% no Brasil, entre os anos de 2013 e 2016.

Em 2017, uma pesquisa do Ibope Repucom¹ apontou que 15,2 milhões de pessoas se declararam fãs do esporte, representando 20% da população de internautas no Brasil na época. Nesse ano, o Super Bowl LI (final do campeonato da NFL) bateu recorde de audiência da ESPN no Brasil, com a transmissão exclusiva na TV por assinatura. Durante a vitória do New England Patriots sobre o Atlanta Falcons, o canal de televisão registrou um aumento de 35% no comparativo com a edição de 2016. A transmissão completa do evento atingiu mais de 754 mil pessoas que possuíam a assinatura do canal, segundo dados da ESPN.

No ano de 2018, números revelados novamente pela emissora apontaram que a transmissão do Super Bowl LII quebrou recorde de audiência pelo terceiro ano seguido. Os dados revelaram um aumento de 17% em relação ao ano anterior, fato que deixou o canal esportivo na liderança entre os mesmos da TV paga nesse período. No jogo em questão, o Philadelphia Eagles levou a melhor sobre o New England Patriots, conquistando o Super Bowl pela primeira vez em sua história.

O crescimento da audiência constatado por meio dessas pesquisas revela o espaço conquistado pelo esporte em solo brasileiro, fato que impulsiona também a sua prática no Brasil. No Rio Grande do Sul, por exemplo, campeonatos estaduais de futebol americano já eram organizados desde 2008, período anterior ao sucesso da NFL no país tupiniquim. Já o extinto Torneio Touchdown, antigo campeonato nacional, teve sua primeira edição ainda em 2009.

¹ Os dados são do Sponsorlink, um dos maiores centros de pesquisa especializada em esporte no mundo.

A evolução do esporte também é consequência de antigas iniciativas, como a do jornalista Luciano do Valle, falecido em abril de 2014. O profissional trouxe para a TV Bandeirantes o esporte no começo dos anos 1990, disponibilizando o futebol americano para qualquer um em transmissão aberta. Assim como a Band, o Esporte interativo transmitiu jogos de maneira gratuita entre 2012 e 2016. Já a ESPN no Brasil transmite o esporte desde 1992, entretanto, para TV fechada. Atualmente, a emissora é a detentora exclusiva dos direitos de transmissão para o Brasil.

Em 2016, o Ministério do Esporte realizou uma pesquisa online por meio de sua página no facebook em que perguntava aos seus seguidores qual era o esporte do verão nesse ano. A resposta vencedora foi o futebol americano. Segundo pesquisa da Consultoria Bites, entre o final de 2015 e o início de 2016, o site da *National Football League* (NFL) superou em número de acessos o site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Foram quatro milhões de visitas, contra três milhões da confederação brasileira. A pesquisa mostrou também que os brasileiros navegaram por mais tempo no site norte-americano, com uma média de 14 minutos por visita, contra 2,38 minutos no site brasileiro. Para coroar a representatividade do Brasil entre os maiores consumidores de futebol americano no planeta, faltava apenas que um jogador nativo representasse o País na NFL.

Ainda em 2012, Cairo Santos, então aluno da Universidade de Tulane, foi eleito o melhor kicker da NCAA (Liga Universitária), fato que chamou a atenção de equipes na NFL. Não demorou muito e o Kansas City Chiefs o convidou para participar da pré-temporada após ele não ter sido escolhido no *Draft* (seleção de universitários). Após o período de testes, o brasileiro ganhou a vaga de titular no time, o transformando no primeiro brasileiro a atuar de forma oficial na liga norte-americana. Após pouco mais de três anos no Chiefs (2014-2017), Cairo foi dispensado. De 2012 até 2018 Cairo Santos teve passagens por Chicago Bears (2017), New York Jets (2018), Los Angeles Rams (2018) e Tampa Bay Buccaneers (2018).

Atualmente, o Brasil possui a Confederação Brasileira de Futebol Americano (CBFA) como instituição máxima do esporte. Criada em 2012, ela é responsável por organizar competições no âmbito nacional, entre elas a Brasil Futebol Americano (BFA) correspondente à primeira divisão. Em 2018, 32 equipes disputaram o torneio. Além da principal competição

brasileira, outros campeonatos surgiram com o objetivo de desenvolver o esporte no País sul-americano. Como exemplos a Copa Sul e o já citado Torneio Touchdown (extinto).

No Rio Grande do Sul, a evolução do esporte pode ser compreendida pela história das competições estaduais. Seu histórico mostra o constante desenvolvimento do campeonato desde a organização da primeira edição, em 2008, até a fase atual, em 2018. O número de equipes participantes foi aumentando a cada edição e, em consequência, o formato teve que se adequar à quantidade de equipes inscritas. Entre outras mudanças, pode-se destacar a troca da modalidade *no pads* (sem equipamentos de proteção) para a *full pads* (com equipamentos de proteção) e a criação da Federação Gaúcha de Futebol Americano (FGFA). Tais acontecimentos não poderiam ser analisados sem que houvesse agentes interessados em registrar esses fatos. Entre estes pode-se citar o trabalho realizado pelo jornalista Renan Jardim, da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, por meio da publicação do *podcast* “ExtraPoint”, no blog Touchdown Gaúcha.

Minha pesquisa buscará, portanto, entender o modo de produção desses *podcasts*, além de obter conhecimento sobre as possíveis dificuldades para o jornalismo esportivo na apuração, na transmissão e na divulgação de um esporte que possui ainda pouco espaço na mídia de massa, como é o futebol americano gaúcho. Para isso, será utilizado como objeto de estudo uma série de *podcasts* pré-selecionados, disponibilizados pela Rádio Gaúcha, no período de 18 de fevereiro a 21 de junho de 2016. Período este que se estende a uma semana antes do início do campeonato até uma semana após a final da competição estadual, em um total de 17 episódios.

Como base para o estudo será utilizada a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2016) para descrever, classificar e entender o modo de produção das mensagens veiculadas nos *podcasts*.

Nesta pesquisa, será utilizada também duas entrevistas realizadas com o jornalista Renan Jardim, ex-produtor do ExtraPoint (2015-2017), a primeira em 2016 e a segunda em 2018. As entrevistas servirão como base para compreender o funcionamento do programa, desde a sua criação, desenvolvimento de pautas, linguagem utilizada nos programas entre outros assuntos que envolveram a produção dos episódios durante o período selecionado, em 2016.

A história do esporte na imprensa mundial e nacional também terá espaço neste estudo. As informações contidas nessa seção irão mostrar como o esporte conquistou seu lugar nas

páginas esportivas no mundo todo. O histórico mostra de que forma algumas modalidades tidas como “secundárias” ou “de menor valor” adquiririam adeptos ao longo do tempo, assim como o futebol americano vem conquistando o seu no Brasil.

Buscou-se também informações históricas sobre a evolução do esporte praticado desde o seu “berço”, na National Football League - NFL, passando para o âmbito nacional e o estadual. Algumas regras, táticas, funções dos jogadores no campo, entre outros fatores específicos do jogo também serão abordados de forma breve para que o público que não tenha contato frequente com o esporte possa compreender basicamente o jogo.

Para abordar o contexto em que esta pesquisa se insere o segundo capítulo é dedicado à história do Futebol Americano. Nele, o autor Antony Curti (2017) contribui com informações e dados a respeito do surgimento do esporte nos Estados Unidos, além da elucidação de algumas regras, táticas, posições de jogadores, entre outros conceitos do campo. Além disso, a história do futebol americano no Rio Grande do Sul será contada por meio de informações sobre as principais equipes e competições estaduais. A história nacional também estará presente, de forma breve.

O terceiro capítulo será responsável por elucidar o jornalismo esportivo, além da caracterização do *podcast* e o seu uso a serviço do profissional de imprensa. Neste mesmo capítulo também estão contidos dados sobre a história da imprensa mundial e nacional. O “especialista” garante seu espaço nessa seção mostrando a importância do jornalista especialista em um determinado esporte para produção de programas de nicho como o ExtraPoint. Autores como Alex Primo (2005), Antonio Alcoba Lopez (2005) e Luiz Artur Ferraretto (2014) formam a base do conhecimento dessa parte.

Por fim, o quarto capítulo compreenderá a análise de conteúdo do *podcast* ExtraPoint, além das informações cedidas pelo jornalista Renan Jardim por meio de entrevistas. A autora Laurence Bardin (2016) será a principal fonte para a construção da análise.

A escolha do tema se mostra relevante partindo do ponto de que não há grande número de trabalhos acadêmicos voltados à história do futebol americano no Rio Grande do Sul e à transmissão do esporte por uma rádio como a Gaúcha. É possível citar alguns exemplos sobre o mesmo tema, porém, o foco é direcionado a assuntos diferentes. Em 2018, surgiu o “*O futebol*

da bola oval: uma análise da presença do Super Bowl LII em jornais diários de Porto Alegre”, produzido pelo estudante da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) Jônatha Bittecourt como trabalho de conclusão do curso de Jornalismo. Em 2017, é possível citar a pesquisa “*O football no Rio Grande do Sul: um estudo sobre o Gigante Bowl em 2016*”, de autoria do também estudante da Ufrgs Vinícius Vieira como trabalho final da graduação em Relações Públicas.

Em 2016, foi produzido “*Uma análise sobre fatores que afetam o crescimento da audiência do futebol americano no Brasil: um estudo de caso*”, escrito pelo aluno da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) Adriel Kaminski Muños como trabalho de conclusão da graduação em Administração de Empresas.

2. História do Futebol Americano

2.1 O surgimento de um esporte chamado Futebol Americano

O futebol americano é mais que um simples esporte: é uma das grandes manifestações da cultura americana. Sim, no século passado ele era jogado praticamente só nos Estados Unidos. Não espanta, até porque ele foi concebido para ser assim, num momento histórico de determinação dos Estados Unidos como nação, em oposição ao eurocentrismo do século XIX. Na concepção dos como Estado soberano diante da antiga metrópole inglesa, o *cricket* virou o beisebol, o futebol (ou mesmo o rúgbi) virou o futebol americano (Curti, 2017).

Pouco a pouco, o esporte mais popular dos norte-americanos evoluía e se diferenciava cada vez mais em relação ao rúgbi e ao futebol. Segundo Curti (2017), o marco inicial do “futebol americano” em si, é controverso. A maior parte dos historiadores costuma colocar o ano de 1869, no jogo entre duas universidades, Rutgers e Princeton, como o início da especificação do esporte como algo separado do rúgbi. Na ocasião, inspirados pelas regras do futebol e do rúgbi, dois times com 25 jogadores disputavam o controle de uma bola redonda que podia ser batida com a mão, com o pé ou com a cabeça. Ao contrário do que ocorre atualmente, essa bola não podia ser carregada, apenas batida.

Quatro anos depois, as universidades de Yale, Columbia e Princeton se reuniram para determinar regras mais específicas, que diferenciasssem o “futebol dos Estados Unidos” daquele praticado na Europa - seja o da bola redonda, seja o do rúgbi. Na sequência, em 1875, várias universidades de elite dos Estados Unidos - grupo ao qual atualmente se dá o nome de Ivy League - se reúnem para a especificação do futebol americano. A partir desse momento, há uma redefinição de conceitos e regras importantes para o desenvolvimento do esporte recém definido. Há a substituição do *scrum* (rúgbi) pelo *snap* (termo específico do futebol americano). É empregado um sistema de pontuação ainda mais distinto daquele utilizado no rúgbi: quatro pontos para quando um time chegava com a posse de bola na área do adversário (*try/touchdown*), dois para um *safety* (ser derrubado na própria área), dois para um “gol” depois do *touchdown* e cinco para um gol chutado de dentro de campo (*field goal*). A regra que faltava para que o esporte fosse ainda mais americano e menos inglês foi a permissão do bloqueio ao longo do campo - um ato que até hoje é ilegal no rúgbi (Curti, 2017).

Com a permissão dos bloqueios (*tackles*) ao longo do campo, o “novo futebol americano” se tornou extremamente violento, causando 18 mortes entre praticantes, em 1905, segundo reportagem do jornal Chicago Tribune. O presidente dos Estados Unidos na época, Theodore Roosevelt, começou a pressionar as universidades para que o jogo mudasse. O técnico de Harvard, Bill Reid, convocou um comitê, que teria como objetivo a criação de novas regras, a fim de tornar o futebol americano algo mais fluido e sobretudo menos perigoso. O comitê revolucionou o jogo e seria o embrião do que depois se tornaria a National Collegiate Athletic Association (NCAA - Associação Atlética Universitária Nacional) (Curti, 2017).

A partir de então outras regras foram definidas como a linha de *scrimmage*, palavra que deriva de *scrummage* (derivação de *scrum*). Ficou estabelecido também o tamanho do campo de jogo: 120 jardas² divididas em pequenas áreas de 10 cada uma, com duas áreas finais (*end zones*) com o mesmo tamanho. Em 1912, o *touchdown* torna-se a pontuação máxima do jogo, valor que pertencia ao *field goal* - que até então valia mais.

Durante a década de solidificação do esporte (1910) muitas equipes competiam de forma amadora, sem ao menos pagar salário aos seus jogadores. Segundo Curti (2017), esse fato não impedia que existissem alguns times profissionais, isto é, os quais compensavam monetariamente seus jogadores pelos serviços dentro de campo. Como exemplo, Jim Thorpe, ganhador de duas medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, em 1912, assinou com a equipe de Canton, Ohio, por 250 dólares por jogo³.

Apesar disso, não havia, ainda, uma entidade centralizadora que impusesse regras para contratação de jogadores. Era rotineiro que equipes fossem à falência nesse período. Em 1920, ocorreu a formação da *American Professional Football Association (APFA)*. Após três temporadas, mudou-se o nome de *APFA* para *NFL* (National Football League - Liga Nacional de Futebol Americano), sigla em inglês utilizada até hoje. A partir de 1933, a NFL começa a cortar o cordão umbilical com o *college football* (futebol americano universitário), em relação às regras. Foi nesse ano que o passe para frente em qualquer lugar antes da linha de *scrimmage* foi oficializado.

² Cada jarda equivale a 0,9144 metros. Fonte: metric-conversions.org

³ Parece pouco, mas é necessário incluir a inflação até, mais ou menos, a década de 1990. Fonte: Curti, 2017.

O passe para a frente tornou-se o ato pelo qual o futebol americano especializou-se, popularizou-se e determinou-se como um esporte estratégico e cada vez mais aéreo. A bola que em 1906 era semelhante à do rúgbi, começou a ficar menos “gordinha” e mais aerodinâmica para favorecer este tipo de passe (Curti, 2017).

Atualmente, a NFL possui 32 times divididos em duas conferências, a NFC (National Football Conference, ou Conferência Nacional de Futebol) e a AFC (American Football Conference, ou Conferência Americana de Futebol), cada uma com 16 times. A final do campeonato é denominada como Super Bowl. A ESPN é a principal transmissora dos jogos para o Brasil, na TV fechada.

Entre as quatro grandes ligas profissionais dos Estados Unidos (NFL/MLB/NBA/NHL), a NFL é a mais popular, a que dá mais audiência, a com as franquias mais valiosas e com maior faturamento: bruto, ele chega na casa dos 10 bilhões de dólares por ano, segundo dado contido no livro “Manual do Futebol Americano”, publicado em 2017, por Antony Curti.

As transmissões dos jogos no país sempre lideram os índices de audiência. Segundo dados da Nielsen, empresa que mede os números de telespectadores, o Super Bowl LI (2017) bateu recorde, sendo assistido por 111,3 milhões de pessoas só nos Estados Unidos⁴. A final do campeonato, segundo pesquisa realizada pela Forbes Brasil em outubro de 2015, é o evento esportivo mais valioso do mundo.

⁴ O número geral de 11,3 milhões é uma média da quantidade de pessoas que acompanhavam o jogo durante um minuto comum, levando em conta os altos e baixos da audiência.

2.2 Futebol Americano no Brasil

2.2.1 Confederação Brasileira de Futebol Americano (CBFA)

A Confederação Brasileira de Futebol Americano (CBFA) existe desde 2013 quando substituiu a antiga representante do esporte no Brasil, a Associação Brasileira de Futebol Americano (AFAB), fundada em 2000. A transformação foi aprovada em Assembleia Geral da AFAB, realizada em dezembro de 2012, em Curitiba. A partir desta data a Confederação passou a organizar o Campeonato Brasileiro de Futebol Americano.

A CBFA foi criada com o propósito de ser a instituição máxima do esporte no Brasil. Reconhecida pela Federação Internacional de Futebol Americano (IFAF), a CBFA é responsável por regular, organizar e fomentar o esporte nacionalmente. A instituição é responsável também pelas modalidades flag football e beach football (futebol americano de areia), além das seleções brasileiras do segmento.

2.2.2 Torneio Touchdown: a primeira grande competição nacional

Com 7 edições, o Torneio Touchdown caracterizou-se por ser uma competição na modalidade *full pads* (com equipamentos de proteção) entre equipes de diversos estados brasileiros. O nome do torneio foi dado pelo húngaro André José Adler, ex-narrador da ESPN e então conselheiro e padrinho da competição.

A ideia foi apresentada ao público durante a realização do Torneio de Seleções da AFAB, em abril de 2009, através de um termo de compromisso assinado pelos representantes das dez equipes interessadas. Destas, somente oito se declararam aptas a participar da competição que seria realizada ainda em 2009. Participaram da edição: Barigui Crocodiles, Cuiabá Arsenal, Curitiba Brown Spiders, Joinville Gladiators, Rio de Janeiro Imperadores, São Paulo Storm, Sorocaba Vipers e Tubarões do Cerrado. Nesse ano, o Rio de Janeiro Imperadores conquistou o torneio vencendo o São Paulo Storm por 14 a 7 na final, em São Paulo.

Em 2010, todas as equipes participantes da primeira edição desistiram da disputa para criarem a Liga Brasileira de Futebol Americano (LBFA) devido a divergências com o padrinho André José Adler. Este manteve o direito de uso do nome do campeonato dando continuidade

com outras equipes. Em 2010, o Torneio contou com sete times de cinco estados brasileiros (São Paulo, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina), com a final sendo realizada no estádio Vila Belmiro, em Santos. De 2010 a 2011, o Torneio ocorreu em paralelo com o campeonato organizado pela liga homônima dos clubes, a Liga Brasileira de Futebol Americano (LBFA).

A edição de 2012 teve a participação do Porto Alegre Bulls, primeira equipe gaúcha a disputar a competição nacional. No ano seguinte (2013), o Juventude Gladiators juntou-se à competição. Em 2014, após a parceria com os clubes de futebol São José e Juventude, os antigos Porto Alegre Bulls e Juventude Gladiators disputaram o certame já com novos nomes, respectivamente, São José Bulls e Juventude F.A. Em 2015, apenas a equipe de Caxias do Sul representou o Estado gaúcho na edição.

Em 2016, a CBFA publicou nota oficial sobre o fim do Torneio Touchdown, unificando as equipes em um único campeonato nacional, com o acréscimo das equipes participantes da última edição, em 2015. A CBFA também reconheceu os títulos do torneio como títulos de campeonatos brasileiros.

2.2.3 Campeonato Brasileiro de Futebol Americano

Criado em 2012, o Campeonato Brasileiro de Futebol Americano organizado pela CBFA tornou-se a principal competição entre clubes do Brasil. A primeira edição contou com 34 equipes, de 25 cidades e 15 estados brasileiros. Em 2013, a competição manteve o nome e aumentou o número de conferências para quatro, número superior às três do ano anterior.

Em 2014 e 2015, o nome e o formato do campeonato foram alterados, dividindo a competição em duas grandes divisões: a Superliga Nacional de Futebol Americano (1ª divisão) e a Liga Nacional (2ª divisão).

Em 2016, a Superliga Nacional, a primeira edição do novo formato, teve a presença de 31 equipes de 17 estados, sendo divididos em quatro conferências (Leste, Oeste, Nordeste e Sul). Além disso, 31 times formaram a divisão de acesso nesse ano.

A principal competição nacional muda de nome mais uma vez em 2017 e passa a ser chamada de Brasil Futebol Americano (BFA), a primeira edição na qual a liga homônima dos clubes, a também BFA, organizou a competição sob a chancela da CBFA. A Liga Nacional (divisão de acesso), também chancelada pela Confederação, foi gerida pela liga homônima dos clubes, a LNFA, e a Liga Nordestina de Futebol Americano (LINEFA), na Região Nordeste.

Em 2018, a Brasil Futebol Americano tornou-se a 3ª edição do campeonato unificado correspondente à divisão de elite nacional e a 2ª organizada pela BFA sob a chancela da CBFA.

2.2.4 Copa Sul de Futebol Americano

Desde 2013, a Federação Catarinense de Futebol Americano organiza a competição interestadual disputada por equipes masculinas da região sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). A ideia surgiu após a realização da Copa Santa Catarina em 2012, disputada por quatro equipes que não disputariam nenhum torneio nacional no segundo semestre. Naquela ocasião, Balneário Camboriú Lobos do Mar, Gaspar Devils, Itapema White Sharks e Criciúma Slayers participaram do torneio, com a final sendo vencida pelos Slayers sobre o White Sharks.

Em termos gerais, a Copa Sul dá a oportunidade a times que não possuem um cronograma de jogos na segunda metade do calendário, semelhante à Copa RS. A competição oportuniza, inclusive, a equipes menores, que ainda não possuem recursos humanos e/ou financeiros necessários para disputas nacionais, tenham contato com equipes de maior estrutura esportiva, gerando experiência para os jogadores e publicidade para os clubes.

O Ijuí Drones participou da competição em 2014, quando entrou no lugar do Ponta Grossa Phantoms do Paraná. Em 2015, pela primeira vez, a Copa teve a participação dos três estados do Sul do País na mesma edição (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Foram nove equipes divididas em três grupos. Ijuí Drones, Restinga Redskulls e Santa Cruz Chacais foram as três equipes gaúchas representantes do estado na competição desse ano. A final foi vencida pelo Chacais em cima do Corupá Buffalos, de Santa Catarina, por 14 a 7.

No ano seguinte (2016), a Copa bateu recorde de participantes. Dez times foram divididos em dois grupos. Nesse ano, Ijuí Drones, Bulls F.A e Restinga Redskulls foram os

representantes gaúchos na competição. Em 2017, 12 clubes participaram, sendo divididos novamente em três conferências regionais: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A final foi disputada entre Corupá Buffalos e Porto Alegre Pumpkins. A equipe de Santa Catarina levou a melhor sobre a gaúcha pelo placar de 14 a 13. Em 2018, 10 equipes foram divididas em três grupos. Participaram dessa edição: Canoas Bulls, Cruzeiro Lions, Venâncio Aires Bulldogs, Itajaí Dockers, Londrina Bristelbacks, Joinville Gladiators, Curitiba Guardian Saints, Curitiba HP Tigers, São José dos Pinhais Moon Howlers e Campo Largo Street Dogs.

2.2.5 A história no Rio Grande do Sul

A história das competições no Estado começou a ser escrita em 2008, quando na cidade de Santa Cruz do Sul foi realizado o primeiro campeonato gaúcho de Futebol Americano, com o nome de “Torneio Inicial”. A disputa reuniu as equipes do Porto Alegre Pumpkins, do Porto Alegre Predadores, do Bagé Baguals e do Santa Cruz Chacais, anfitrião do evento. Em um dia, os times se enfrentaram no sistema um contra todos, em partidas com 40 minutos de duração. Na final, o Porto Alegre Pumpkins derrotou os donos da casa por 14 a 7, conquistando seu primeiro título estadual. Neste ano a competição foi realizada na modalidade *no pads*, em que não há o uso de equipamentos de proteção. Somente a partir de 2012, quando mais algumas equipes adquiriram equipamentos, a competição adotou o modelo *full pads*.

Após um ano inativa (2009), a competição retorna em 2010. A segunda edição contou com 6 equipes participantes, fato que representou significativa evolução no Torneio. Os clubes foram divididos em duas conferências: Capital e Interior. Na primeira ficaram os times do Esteio Buriars, do Porto Alegre Bulls e do Porto Alegre Pumpkins. A outra chave foi completada pelas equipes do Bagé Baguals, do Santa Maria Soldiers e do Santa Cruz Chacais. O “Gaúcho Bowl I”, novo nome dado à final do campeonato, foi vencido pelo Porto Alegre Pumpkins em cima do Santa Cruz Chacais pelo placar de 7 x 0. Neste mesmo ano, a equipe da capital gaúcha disputou a Liga Brasileira de Futebol Americano (LBFA), tornando-se a primeira equipe do Rio Grande do Sul a participar de uma competição na modalidade *full pads*.

No ano seguinte, o Chacais se juntou ao Pumpkins na disputa da Liga, atitude que obrigou os dois times a desistirem do regional, em 2011, para migrarem de vez para a modalidade *full pads*. Essa edição do campeonato gaúcho, última em *no pads*, contou com apenas três clubes: Porto Alegre Bulls, Santa Maria Soldiers e Pelotas Razers. O embate final

foi vencido pelos Soldiers por W.O, já que a outra equipe finalista, o Porto Alegre Bulls, foi obrigada a desistir da competição por questões financeiras.

A partir de 2012, apenas equipes equipadas disputaram o troféu da competição. Nesse período o Estado contava com quatro representantes na modalidade (Porto Alegre Bulls, Santa Cruz Chacais, Porto Alegre Pumpkins e Santa Maria Soldiers), porém apenas duas, de fato, disputaram o certame. Por competir no Torneio Touchdown, os Bulls não foram autorizados a jogar o estadual. A outra exceção veio dos Chacais, desistindo da sua participação. O jogo final foi decidido entre Porto Alegre Pumpkins e Santa Maria Soldiers, em dois jogos denominados “Duelo dos Campeões”. Após uma vitória para cada lado, no placar agregado, os Pumpkins levaram a melhor por 34 a 33, conquistando o tricampeonato gaúcho.

Em 2013, novamente, as equipes que disputaram o Torneio Touchdown não foram autorizadas a jogar o estadual, casos do Juventude Gladiators e do Porto Alegre Bulls. Neste ano, o novato Ijuí Drones foi integrado ao Estadual, somando-se às equipes participantes do ano anterior. O torneio foi realizado em turno e retorno, entre as três equipes, em jogos dentro e fora de casa. Com a desistência do Pumpkins o Ijuí Drones herdou a vaga na final. Na decisão, a equipe de Ijuí perdeu para o Soldiers por 51 a 0, possibilitando o bicampeonato do Soldiers.

Em 2014, o Porto Alegre Pumpkins conquistou o tetra estadual derrotando novamente o Santa Cruz Chacais na final por 13 a 9. Mais uma vez a competição não contou com os times do Torneio Touchdown. O Ijuí Drones, que optou pela disputa da Copa Sul, também não disputou o estadual.

A partir de 2014, é necessário abrir um parêntese na história do esporte praticado no Rio Grande do Sul. Foi no final desse ano que ocorreu a criação estatutariamente da Federação Gaúcha de Futebol Americano (FGFA). Regularizada e com CNPJ, a entidade organizou o primeiro torneio a partir de março de 2015, um verdadeiro marco para a prática esportiva gaúcha. Até então era de responsabilidade dos clubes a gerência das competições estaduais.

O ano de 2015 começa com a FGFA realizando mudanças no formato do estadual. Este passa a ser disputado desde o início no sistema de jogos únicos e eliminatórios, com exceção do Santa Cruz Chacais, sorteado para ingressar na fase semifinal do campeonato. A competição contou com 7 equipes, maior número até então, entre elas os estreantes São Leopoldo Mustangs

e Juventude F.A (antigo Juventude Gladiators). A final do campeonato foi realizada no estádio da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, em Porto Alegre. Na decisão entre Porto Alegre Pumpkins e Juventude F.A, o clube de Caxias do Sul levou a melhor conquistando pela primeira vez o campeonato pelo placar de 28 a 6.

A 8ª edição do estadual ocorreu em 2016, sendo a 5ª na modalidade *full pads* e a 2ª organizada pela FGFA. O destaque do evento ficou por conta da realização da final do campeonato no estádio Beira-Rio, de propriedade do Sport Club Internacional de Porto Alegre. O jogo foi organizado nos moldes de grandes competições esportivas: com grande divulgação pela mídia especializada local, arrecadação de novos patrocinadores e vultosa venda de ingressos. O campeonato contou com 10 equipes, separadas em duas conferências (Leste e Oeste). Participaram da conferência leste o Porto Alegre Bulls, o Juventude FA, o Porto Alegre Pumpkins, o Restinga Redskulls e o São Leopoldo Mustangs. Já as equipes do Bento Gonçalves Snakes, do Bulldogs F.A, do Ijuí Drones, do Santa Cruz Chacais e do Santa Maria Soldiers ficaram na oeste. Após 4 jogos com adversários da mesma conferência, as equipes se classificaram para os playoffs (fase mata-mata). A grande final teve o confronto entre Juventude F.A e Santa Maria Soldiers. A equipe de Santa Maria levou a melhor, ganhando o certame por 21 a 3.

No ano seguinte (2017) 12 equipes foram divididas, através de sorteio, em dois grupos. Nesse ano a fórmula usada para a divisão dos clubes foi alterada. O atual campeão (Santa Maria Soldiers) e o vice (Juventude F.A) formaram as cabeças de chave, grupos A e B. Porto Alegre Gorillas e Carlos Barbosa Ximangos, equipes estreantes no campeonato, foram sorteadas uma para cada grupo. Após a divisão, os demais clubes da Capital (Porto Alegre Bulls, Porto Alegre Pumpkins e Restinga Redskulls) foram sorteados de modo que ficassem dois times de Porto Alegre em cada grupo. Assim, Santa Cruz Chacais, Ijuí Drones, Bento Gonçalves Snakes, Bulldogs F.A e São Leopoldo Mustangs completaram as 6 vagas restantes em cada chave. Após a fase de classificação dos grupos e dos playoffs o Santa Maria Soldiers levou o título para casa derrotando a equipe do Juventude F.A na final por 31 a 7.

Em 2018, houve novamente mudança na fórmula de divisão das equipes. Desta vez o campeonato foi dividido em 3 fases (qualificatória, fase de grupos e playoffs). A 10ª edição do estadual contou com a participação de 15 clubes, maior número desde sua criação em 2008. A primeira fase foi formada pelas equipes do Gravataí Spartans, do Canoas Jaguars, do Buriers

Football e do Viamão Raptors. Os times se enfrentaram em dois jogos, com os vencedores se classificando para as fases de grupo. Os dois derrotados, porém, se enfrentaram em uma terceira partida, com o ganhador avançando para o próximo nível da competição. A fase de grupos contou com 12 equipes, além das três classificadas anteriormente. Formaram os grupos: Armada FA, Ijuí Drones, Santa Cruz Chacais, Bento Gonçalves Snakes, Bulldogs FA, Carlos Barbosa Ximangos, Cruzeiro Lions, Porto Alegre Gorillas e Porto Alegre Bulls. Nesta etapa as equipes foram divididas em três grupos com quatro equipes cada um. Todos jogaram contra todos dentro de cada grupo, e os dois melhores avançaram para os playoffs. O Santa Maria Soldiers e o Juventude F.A entraram a partir das quartas-de-final, no qual aguardaram os seis classificados da segunda fase. Nos playoffs, as equipes se enfrentaram em sistema mata-mata até a grande final vencida pelo Santa Maria Soldiers por 28 a 0 em cima do Porto Alegre Gorillas.

2.2.6 A Federação Gaúcha de Futebol Americano (FGFA)

No ano de 2018, a Federação Gaúcha de Futebol Americano possui 16 clubes filiados. Destes, somente três não disputam competições *full pads/tackle* nos três níveis (estadual, regional e nacional) no segundo semestre deste ano: Canoas Jaguars, Gravataí Spartans e Viamão Raptors. Atualmente, a entidade organiza cinco competições, tendo como destaque o Campeonato Gaúcho seguido pela Copa RS masculina, Copa RS Flag feminina, depois pelo Campeonato Gaúcho Flag também na categoria Feminina e, por fim, o Torneio de Seleções sub-19. Este possui oito equipes participantes, sendo cada uma delas um representante de Estados brasileiros. O Rio Grande do Sul Pampeanos, equipe gaúcha no Torneio, não conseguiu chegar à final, vencida pela equipe representante do Paraná sobre a de Minas Gerais pelo placar de 16 a 13, no Estádio Municipal, em Careagu-MG. Em 2018, primeira edição do Campeonato Gaúcho de Flag feminina teve a presença de 4 equipes concorrentes ao título: Buriers Flag Chacais, Flag Feminino, Soldiers Flag Football e Spartans Flag. O resultado final foi Soldiers 19 x 13 Chacais. Já a Copa RS também na mesma categoria, além destas equipes, teve o acréscimo de Ximangos Flag e Chacais Flag.

Além da administração, a FGFA atua no incentivo do esporte também na internet. A entidade possui um site em que podem ser acessadas notícias, calendário esportivo, estatísticas sobre as competições recentes, histórico das equipes federadas, lista de árbitros, súmula de partidas, regulamento, entre outros assuntos. Sua página no facebook auxilia na publicação de

informativos sobre eventos, jogos, celebrações, e qualquer assunto relacionado ao futebol americano gaúcho. Sua página no instagram é usada basicamente como fonte para divulgação de jogos e estatísticas.

2.2.7 Copa RS de Futebol Americano

Criada em 2016, a Copa RS tem como objetivo manter ativas as equipes do Rio Grande do Sul que não disputam nenhuma competição nacional ou regional no segundo semestre da temporada. A competição oportuniza a entrada dos times “B” de clubes com elenco mais estruturado, dando ritmo a jovens atletas que não tenham tido muitas oportunidades na equipe titular durante o primeiro semestre do ano. O Santa Maria Soldiers foi o primeiro vencedor da competição derrotando a equipe do Bento Gonçalves Snakes na final pelo placar de 43 a 6. Ambas as equipes dividiam suas atenções também com a Liga Nacional (2ª divisão nacional) e montaram seus times com jogadores jovens e pouco utilizados no time principal.

Em 2017, a FGFA ampliou a competição, criando quatro categorias diferentes: *full pads* (disputa principal para times novatos e que não disputam outras competições no segundo semestre), *full pads* desenvolvimento, para times em desenvolvimento de equipes que disputam outros campeonatos no semestre e Flag masculino e Flag feminino. Nesse ano, o Bulldogs FA venceu a equipe do Porto Alegre Warriors na final por 7 a 0 conquistando a segunda edição da Copa RS. Em 2018, o Cruzeiro Lions sagrou-se campeão da 3ª edição da competição vencendo o Carlos Barbosa Ximangos por 18 a 7, em Carlos Barbosa.

2.3 Perfil das equipes gaúchas

De acordo com o site da FGFA em 2018, o Rio Grande do Sul possui 25 equipes distribuídas em 4 categorias distintas: seleções, flag masculino, flag feminino e *full pads* masculino. A primeira, se resume a seleção representante do Estado nacionalmente (o Rio Grande do Sul Pampeanos). Já a categoria flag masculino conta com apenas duas equipes participantes - Chacais Flag Masculino e Kickoff Flag Masculino. A disputa feminina fica por conta de seis times, entre eles o Buriens Flag, o Chacais Flag Feminino, o Lions Flag, o Soldiers Flag Football, o Spartans Flag e o Ximangos Flag. A categoria de maior destaque estadual se dá pelo *full pads* masculino, em que 16 equipes disputam a glória do primeiro lugar no Campeonato Gaúcho. Nesta categoria estão contidos os seguintes times:

2.3.1 Armada Futebol Americano

O clube Armada F.A é resultado da união das equipes do Porto Alegre Pumpkins e do Restinga Redskulls, oficializada em 19 de dezembro de 2017. A parceria entre as duas equipes, entretanto, ocorreu ainda em julho desse ano, quando o interesse pela disputa da Copa Sul e da Copa RS uniu as duas diretorias. Ainda sem a troca definitiva do nome, o Pumpkins recebeu o acréscimo de jogadores do Restinga Redskulls ao seu elenco já que disputaria a Copa Sul, enquanto isso o Redskulls recebeu atletas jovens do Pumpkins para ganharem experiência jogando a Copa RS. Somente em dezembro foi lançado oficialmente a nova formação, com as cores oficiais branco e preto.

O Porto Alegre Pumpkins, sediado na capital do Rio Grande do Sul, foi fundado em 31 de outubro de 2004, sendo a primeira equipe de futebol americano do Estado. Entre os títulos do antigo clube estão os campeonatos gaúcho de 2008, 2010 e 2012 e 2014.

Já o Restinga Redskulls foi fundado em outubro de 2012, também com sede em Porto Alegre. Entre suas principais conquistas está o 1º Torneio Farroupilha, realizado em 2014.

2.3.2 Venâncio Aires Bulldogs

A equipe foi criada em 2004 com o nome de Santa Cruz do Sul Bulldogs. Em 2007, no entanto, a equipe fundiu-se com o Santa Cruz do Sul Hurricanes dando origem ao Santa Cruz Chacais. Em outubro de 2015, após dissidência com o atual time, jogadores do Chacais decidiram sair da equipe e refundar o Bulldogs, agora com sede em Venâncio Aires.

Após obter a terceira colocação na Copa RS, em 2016, conquistou de maneira invicta a competição subsequente, em 2017. Em 2018, o Venâncio Aires Bulldogs ingressou na disputa da Copa Sul. Pela primeira vez o time competiu em um campeonato interestadual.

Atualmente conta com mais de 50 pessoas envolvidas na organização do clube, divididas entre jogadores, equipe técnica e equipe de apoio. Suas cores oficiais são o vermelho e preto.

2.3.3 Canoas Bulls

O dia 15 de junho de 2007 é tido como o marco inicial da fundação do Porto Alegre Bulls. Nesse período, jogadores de outra equipe porto-alegrense se desvincularam do clube para criarem o Porto Alegre Predadores. Em 5 de janeiro de 2010, o até então Porto Alegre Predadores passou a se chamar Porto Alegre Bulls adotando as cores preta, vermelha e branca na identidade da equipe.

Em maio de 2014, foi feita uma parceria com o Esporte Clube São José, de Porto Alegre, que resultou na mudança do seu nome para São José Bulls. No ano seguinte, assumiu a identidade de Bulls Futebol Americano. Em 2017, quando completou 10 anos de história, fez uma parceria com a Secretaria de Esportes do município de Canoas, passando a representar a cidade em competições oficiais. O agora Canoas Bulls atua em toda a região metropolitana com treinos em Porto Alegre e Canoas e jogos em São Leopoldo. Sua sede está localizada atualmente na cidade de Canoas (RS).

Em julho de 2018, o Canoas Bulls e o Viamão Raptors fecharam uma parceria para a disputa da Copa Sul deste ano. Ao todo, 14 atletas da equipe viamonense se uniram ao elenco do Bulls em busca de experiência ao disputarem a competição no segundo semestre desse período.

2.3.4 Buriens Football

O Buriens Football surgiu em outubro de 2017 a partir da fusão de duas equipes de São Leopoldo, o Mustangs (fundado em 2012) e o Coyotes (fundado em 2014). A escolha do nome da equipe foi em homenagem ao antigo Esteio Buriens (fundado em 2009), uma das primeiras equipes do Estado e da qual alguns dos jogadores da equipe atual fizeram parte. Após diversas reuniões entre as diretorias, ambas as equipes entenderam que ao invés de dividirem a torcida da cidade de São Leopoldo, o ideal era unirem forças para tornar o futebol americano do Vale dos Sinos mais forte.

Desde a união entre Mustangs e Coyotes, a equipe do Buriens mantém o mesmo nome. O mesmo não acontece em relação as cores do time. As tonalidades de azul, branco e vermelho

dos Mustangs e vermelho e branco dos Coyotes, foram substituídas pelo amarelo, branco e preto, cores do antigo Esteio Buriens. A identidade visual da equipe também foi renovada para dar força e visibilidade para a marca.

O clube disputa, atualmente, o Campeonato Gaúcho e a Copa RS na modalidade *full pads*, além do Campeonato Gaúcho Flag Feminino. Sua conquista recente é o terceiro lugar na competição feminina em 2018.

A organização da equipe possui em torno de 12 pessoas divididas em administração, marketing, comercial, materiais e preparação física. Em 2018, a sede da equipe está localizada no complexo esportivo da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra), em Canoas.

2.3.5 Santa Cruz Chacais

Uma das equipes mais experientes e estruturadas do Estado, o Santa Cruz Chacais foi fundado em 2007, originado do extinto Santa Cruz do Sul Bulldogs. No início, foi chamado de Santa Cruz do Sul Hurricanes, adotando o nome atual posteriormente. Suas cores oficiais são azul e branco.

Entre suas principais conquistas estão os vice-campeonatos gaúchos em 2008, 2010 e 2014. Em 2013, o Chacais venceu o então Juventude Gladiators na final do Winter Bowl, competição preparatória para o Torneio Touchdown daquele ano. Em 2015, conquistou a Copa Sul sobre o Corupá Buffalos de Santa Catarina. Em 2018, além de disputar o campeonato gaúcho, a equipe de Santa Cruz do Sul compete na modalidade estadual de flag feminino, além da participação da equipe masculina na Liga Nacional.

O clube possui um time principal, para maiores de 17 anos, e uma escola de futebol americano, para menores de 17 anos. Boa parte da atual equipe principal passou pela escola.

2.3.6 Erechim Coroados

O início da história do Erechim Coroados se deu em 20 de setembro de 2015, em Erechim. Um grupo de amigos foi convidado pelo Tapejara Dragons, uma equipe amadora de futebol americano do Estado, a se juntar e realizar um amistoso contra a equipe. Após essa

partida, o grupo continuou se encontrando para jogar, até o dia em que conheceu o treinador Tiago Villodre (ex-treinador do Sinop Coyotes e ex-árbitro da antiga CBFA). Este propôs ao grupo que levassem o projeto adiante, mas agora como um programa de *football* de fato. O nome da equipe, inclusive, é baseado na tribo Coroados que viveu no município e ficou conhecida por seus integrantes usarem “coroas” de penas.

Em 2018, 12 pessoas formam a comissão técnica, entre elas um *head coach* (treinador principal), um *coach* ataque e um *coach* defesa, e os demais são auxiliares de treino. Além destes, a diretoria é composta por 6 integrantes. Por fim, o elenco de jogadores é formado por 50 atletas.

Com pouca história em competições estaduais, a equipe de Erechim estreou na modalidade *full pads* apenas em 2018, quando disputou a Copa RS. O local de treinamento do clube está localizado em um campo cedido pela comunidade em um bairro de Erechim.

2.3.7 Ijuí Drones

A equipe da cidade de Ijuí foi fundada em 21 de julho de 2012. Seu nome vem do inglês, que significa zangões. O município de Ijuí, inclusive, é chamado de “Colmeia do Trabalho”. Sua mascote também é um zangão. A equipe também possui uma escolinha do esporte, chamada de Ijuí Bees. No ano de 2014, o antigo uniforme titular (branco e amarelo) passou a ser o reserva e foi assumido um uniforme novo, agora com a cor preta com detalhes em amarelo.

Pouco mais de um ano após a fundação, o Drones disputou o Campeonato Gaúcho de Futebol Americano de 2013 já na modalidade *full pads*. Neste ano, ficou com o vice-campeonato, perdendo para a equipe do Santa Maria Soldiers. Em 2014, participou da Copa Sul, organizada pela Federação Catarinense de Futebol Americano, junto com Itapema White Sharks, Criciúma Miners e Gaspar Black Hawks. Já participou das edições 2013, 2015, 2016, 2017, 2018 do Campeonato Gaúcho de Futebol Americano. Em 2018, disputa também a Liga Nacional de Futebol Americano (LNFA).

Em agosto de 2018, nasceu o Queens Flag Football, o mais novo projeto de Flag Football Feminino do Ijuí Drones. A criação da equipe marcou o pioneirismo da modalidade na região de Ijuí.

2.3.8 Porto Alegre Gorillas

Fundado em fevereiro de 2015, a equipe do Porto Alegre Gorillas teve seu primeiro *tryout* (seleção de novos jogadores) no dia 29 de março e iniciou os treinamentos no dia 18 de abril desse ano. O primeiro time era formado por ex-jogadores do São José Bulls, Porto Alegre Pumpkins, São Leopoldo Mustangs e Ijuí Drones, além dos iniciantes no esporte.

Inicialmente na modalidade *no pads*, participou do seu primeiro torneio em 2016, quando disputou a NLFAN (Nova Liga de Futebol Americano no pads), em Porto Alegre. Primeiramente constituída por quatro equipes, sendo três da capital gaúcha e uma de Canoas, o projeto tinha como objetivo dar um suporte aos times mais novos que ainda não estavam equipados e, por consequência, não possuísem amparo da FGFA na época. Além do Gorillas, Porto Alegre Crows, Porto Alegre Warriors e Canoas Jaguars, participaram da competição. O Gorillas conquistou o 3º lugar nesta edição, vencida pelo Warriors. No final do ano de 2016 aconteceu a migração para a modalidade *full pads*, assim como a filiação na FGFA.

Em 2017, a equipe gaúcha participou pela primeira vez do Campeonato Gaúcho de Futebol Americano. No ano seguinte, a equipe ficou com o vice-campeonato, perdendo para o Santa Maria Soldiers na final por 28 a 0, em Santa Maria.

2.3.9 Juventude Futebol Americano

A equipe de futebol americano do município de Caxias do Sul foi fundada em 15 de março de 2013, originalmente com o nome de Juventude Gladiators. Seus fundadores são conhecidos como Eduardo Ferreira, Marcos Rossato, Eduardo Sottili, Willian Ramos e Matheus Ely. Em 2014, o clube teve seu nome alterado após a parceria com o Esporte Clube Juventude, passando a ser chamado de Juventude Futebol Americano, nome utilizado até hoje. A nova equipe utiliza na sua identidade as cores verde e branco.

A principal conquista do clube está no Campeonato Gaúcho de 2015, no qual terminou vencedor. A equipe ficou em segundo lugar nas duas competições subsequentes (2016 e 2017).

Atualmente, além dos campeonatos estaduais nos quais participa, a equipe de Caxias do Sul disputa a Brasil Futebol Americano (BFA), correspondente à primeira divisão nacional.

2.3.10 Canoas Jaguars

O Canoas Jaguars é um clube de futebol americano formado em março de 2015, com sede também em Canoas (RS). Em 2016, pouco mais de um ano do nascimento do novo clube, disputou a NLFAN (Nova Liga de Futebol Americano no pads), em Porto Alegre.

Em 2018, agora na modalidade *full pads*, disputou sua primeira edição do Campeonato Gaúcho, porém, não conseguiu avançar da fase qualificatória para a fase de grupos.

2.3.11 Cruzeiro Lions

O Cruzeiro Lions é o clube mais novo entre as equipes que disputam os campeonatos estaduais. Sua fundação foi realizada em 13 de dezembro de 2017, e oficializada em 8 de janeiro de 2018, através de uma parceria entre o Esporte Clube Cruzeiro, de Cachoeirinha, e as equipes porto-alegrenses de *no pads*, Warriors e Crowns. Após meses em negociação, as partes chegaram a um acordo e resolveram lançar uma nova equipe com o intuito de representar o município no cenário do futebol americano gaúcho, na modalidade *full pads*.

A identidade visual do Lions faz referência à equipe de futebol com suas cores azul e branco e seu nome é baseado na mascote do Cruzeiro, ou seja, um leão. Já um novo símbolo foi criado especialmente para a equipe da bola oval.

Em 2017, ainda como Porto Alegre Warriors, conquistou o vice-campeonato da II Copa RS, vencida pelo Bulldogs F.A. Mesmo com pouco tempo de “vida”, a equipe participou do campeonato gaúcho em 2018, parando nas quartas de final, quando foi derrotado pela equipe do Juventude F.A pelo placar de 8 a 33. No segundo semestre de 2018 a equipe conquistou o título da 3ª edição da Copa RS, derrotando o Carlos Barbosa Ximangos por 18 a 7, em Carlos Barbosa.

Atualmente o time possui centro de treinamento localizado no bairro Menino Deus, em Porto Alegre, e conta com ampla estrutura, como vestiários, chuveiros e salas.

2.3.12 Viamão Raptors

A história do Viamão Raptors Futebol Americano tem início em setembro de 2013. Durante esse período aconteceram algumas alterações nas cores e no escudo do clube. As cores preto, vermelho e branco foram substituídas pelo marrom e branco e, posteriormente, houve o acréscimo de tons de dourado, estilo usado até hoje. Em relação ao símbolo oficial, houve uma alteração em relação ao primeiro devido à semelhança com logo de um clube de futebol, o que não era a intenção da diretoria, e sim algo que remetesse ao futebol americano.

Entre as principais conquistas está o vice-campeonato da Copa Farroupilha em 2014, na modalidade *no pads*, utilizando ainda as antigas cores da equipe. Na ocasião, o Restinga Redskulls, adversário da final, disputou seu último jogo antes da mudança do formato *no pads* para o *full pads*. O Redskulls já contava naquele momento com um elenco maior, se preparando para a migração da modalidade. Enquanto isso, o Viamão Raptors contava somente com um elenco formado por 22 pessoas.

Já federados e na modalidade *full pads*, o Raptors disputou a Copa RS em 2017. Em 2018, disputou apenas a fase qualificatória do Campeonato Gaúcho, ainda no primeiro semestre.

A sede do clube está localizada no Campo do Novo Lar, em Viamão, onde todos os domingos ocorrem os treinamentos da equipe. Atualmente, o clube possui dez pessoas envolvidas entre comissão técnica e staff.

2.3.13 Bento Gonçalves Snakes

A equipe do Bento Gonçalves Snakes nasceu em maio de 2015, resultado de uma brincadeira entre alunos e um professor de um colégio do município de Bento Gonçalves.

Sua estreia em competições ocorreu em 2016 quando disputou o Campeonato Gaúcho, a Liga Nacional e a Copa RS nesse ano. Entre as principais conquistas estão o vice-campeonato

da Copa RS (2016) e os playoffs (fase eliminatória) do Gauchão e da Liga Nacional em 2017. Em 2018 voltou a disputar a LNFA.

A diretoria é composta por 5 pessoas divididas entre presidente, vice-presidente, tesoureiro, diretor e secretário. A comissão técnica é formada por um *head coach* (treinador principal), um *offensive coach* (treinador de ataque), um *defense coach* (treinador de defesa), preparador físico e fisioterapeuta.

A sede está localizada no estádio da Montanha (antigo estádio do clube de futebol Esportivo), em Bento Gonçalves.

2.3.14 Santa Maria Soldiers

Tudo começou em 2006, quando um pequeno grupo de amigos de Santa Maria passou a se interessar por futebol americano, esporte até então pouco conhecido na região. Após decidirem começar a praticar o esporte, a ideia de formar um time na cidade não demorou a surgir. No final de 2007 foi formada a equipe do Santa Maria Iron Horses, nome dado devido à grandeza da história ferroviária da cidade.

Após um ano sem atividades efetivas devido à pouca procura por adeptos do esporte, apenas em 2009 um elenco começou a ser formado. Através de uma comunidade na antiga rede social orkut surgiram várias pessoas interessadas pela prática do futebol americano. Os novos integrantes, reunidos com a antiga equipe, resolveram, enfim, formar uma agremiação na cidade, que passou a se chamar Santa Maria Soldiers, nome dado em razão do enorme contingente militar na cidade.

Em 2018, a equipe disputa a Brasil Futebol Americano, a Copa RS e o Campeonato Gaúcho na modalidade *full pads* masculino, além do Campeonato Gaúcho na modalidade Flag feminino. No passado, os Soldiers já disputaram o Campeonato Brasileiro de Futebol Americano da CBFA, em 2012/2013. Estiveram presentes também na Liga Nacional de Futebol Americano em 2014, 2015 e 2016, quando ficaram com a 3ª colocação, conquistando o acesso à elite do esporte no País. A equipe disputa o Campeonato Gaúcho desde a segunda edição, em 2010. Até o ano de 2018, é o maior campeão de maneira isolada, com cinco conquistas, sendo

as últimas três de maneira consecutivas (2016, 2017 e 2018). Foram campeões também da Copa RS, em 2016. Em 2017, venceram novamente a competição, mas na modalidade Flag feminino.

Em 2018, o clube conta com 30 pessoas que trabalham para a equipe, incluindo atletas. Os outros integrantes do clube são divididos em diretoria, comissão técnica e departamento médico.

O time sediado em Santa Maria, realiza os treinamentos no ginásio do Corpo de Bombeiros do município e no campo da Vila Militar do Comando da 3ª Divisão do Exército. O mando de jogo não possui um local fixo, sendo utilizado, ultimamente, o Estádio Presidente Vargas, em Santa Maria.

2.3.15 Gravataí Spartans

A ideia de formar um time surgiu em fevereiro de 2016 quando um grupo de amigos decidiu se reunir para jogar, sem compromisso. Em abril do mesmo ano eles tiveram a intenção de oficializar a formação do clube e, em 17 de julho de 2016, nasceu o clube Gravataí Spartans. No início dois nomes foram sugeridos para batizar a equipe, Gravataí Motors e Gravataí Spartans. Por meio de votação, a segunda sugestão foi a escolhida. Atualmente, a sede do clube fica em Gravataí.

Em sua história recente, o clube disputou a Copa RS (2017 e 2018), o Campeonato Gaúcho Flag feminino (2018), além do Campeonato gaúcho (2018) na modalidade *full pads*. Entre suas principais vitórias está a conquista sobre Viamão Raptors no evento “*No Pads Day*”, realizado na cidade de Parobé (RS), em outubro de 2016. O evento surgiu como forma de preparação para as equipes naquele período, além de apresentar um esporte “novo” para a região.

Recentemente, oito pessoas fazem parte da organização administrativa da equipe, sendo distribuídas entre a área financeira, diretoria, marketing e coordenação de atletas.

2.3.16 Carlos Barbosa Ximangos

A equipe foi fundada por um grupo de amigos de Caxias do Sul, em 2011, com o nome de Caxias Ximangos. O novo clube utilizava como local de treinamento o campo dos funcionários da Seara do município. Em abril de 2012, após período inativo devido a incompatibilidade de horários dos treinamentos dos jogadores, por iniciativa de ex-integrantes da equipe, o clube retornou as atividades com treinos semanais e em nova sede, desta vez no município de Carlos Barbosa.

No dia 15 de setembro de 2013, o clube realizou seu primeiro treino coletivo, em São Leopoldo, com a equipe local, o São Leopoldo Mustangs. Dois meses depois, em novembro desse ano, o clube disputou seu primeiro amistoso. O adversário foi o Restinga Redskulls, no Campo do Pampa, em Porto Alegre. O placar final foi 56 a 6 para a equipe da capital.

Em 2015, a equipe fechou parceria com o Clube Serrano, também de Carlos Barbosa, e passou a utilizar o Centro de Treinamento do Clube para seus treinos. Em 30 de agosto de 2015, a cidade de Carlos Babosa recebeu o primeiro jogo de futebol americano da história. Na tarde daquele domingo, porém, o Ximangos acabou sendo derrotado pelo Porto Alegre Crowns, por 22 a 19, no Campo do Serrano.

Para integrar a comunidade no novo esporte, o Clube promoveu em 26 de junho de 2016 o “1º Ximango's Day”, atraindo cerca de 150 pessoas para o local, de diversas faixas etárias, que puderam conhecer e praticar técnicas aplicadas nas competições do esporte. O evento contou, ainda, com um campeonato de *field goal* (espécie de chute a gol do futebol americano), que premiou os primeiros colocados nas categorias masculina, feminina e infantil.

Em 19 de fevereiro de 2017, a derrota para o Bento Gonçalves Snakes, por 36 a 0, marcou a estreia do Clube em competições oficiais. A partida, válida pelo Campeonato Gaúcho, foi disputada no Estádio da Montanha, em Bento Gonçalves.

Em sua história, o Ximangos já disputou os Campeonatos Gaúchos de Futebol Americano de 2017 e 2018, a 2ª e a 3ª edição da Copa RS de Futebol Americano (2017 e 2018).

Em 2018, o clube é formado por uma equipe *full pads* masculina com 45 membros, uma equipe de Flag feminina com 25 integrantes, além de uma comissão técnica com 5 profissionais. A equipe administrativa possui 10 profissionais.

2.4 Por dentro do Jogo (os principais conceitos do futebol americano)

O Futebol Americano, assim como outros esportes, possui regras que o define como uma modalidade separada de outros segmentos esportivos. O campo em que ocorrem os jogos se modifica em relação ao seu “primo distante”, o *soccer*, a bola também não é a mesma redondinha criada para ser apenas chutada. A estrutura tática desse esporte possui conceitos únicos, em que suas particularidades fazem dele uma experiência singular para os torcedores atentos as suas jogadas.

Começando pelo campo de jogo. A grande diferença deste para outros esportes coletivos é que, além de estar delimitado o território onde se joga, há a delimitação de quanto território cada time ganhou (Curti, 2017). Como exemplo, indiscutivelmente uma das mais impressionantes estruturas já construídas pelo homem, o estádio do Dallas Cowboys⁵ é o padrão moderno em termos de arenas ao redor do mundo. Custou 1,3 bilhão de dólares e tem um telão “no meio” do campo, de forma suspensa, com 60 metros de largura e 25 de altura (Curti, 2017).

Desde o final do século XIX, o campo de jogo tem as mesmas largura e altura: um retângulo de 100 jardas de largura com duas áreas finais de 10 jardas de largura onde se pontua, chamada de *end zone*. Ao todo, portanto, são 120 jardas de largura. A altura desse retângulo é de 53,5 jardas. Cada linha que divide o campo de jogo possui um nome e uma função específica, são elas: as linhas ao final do campo, chamadas de *end lines* (linhas de fundo), as que acompanham cada lateral, as *sidelines* (linha lateral), a área delimitada por essas duas é chamada de campo de jogo. Além dessas três citadas, o campo possui a *goal line* (linhas de gol que possuem 10 jardas e altura paralela à *end line*, e as duas áreas delimitadas pelas linhas de gol, de fundo e laterais, as *end zones* (Curti, 2017).

⁵ Clube (franquia) pertencente à NFL.

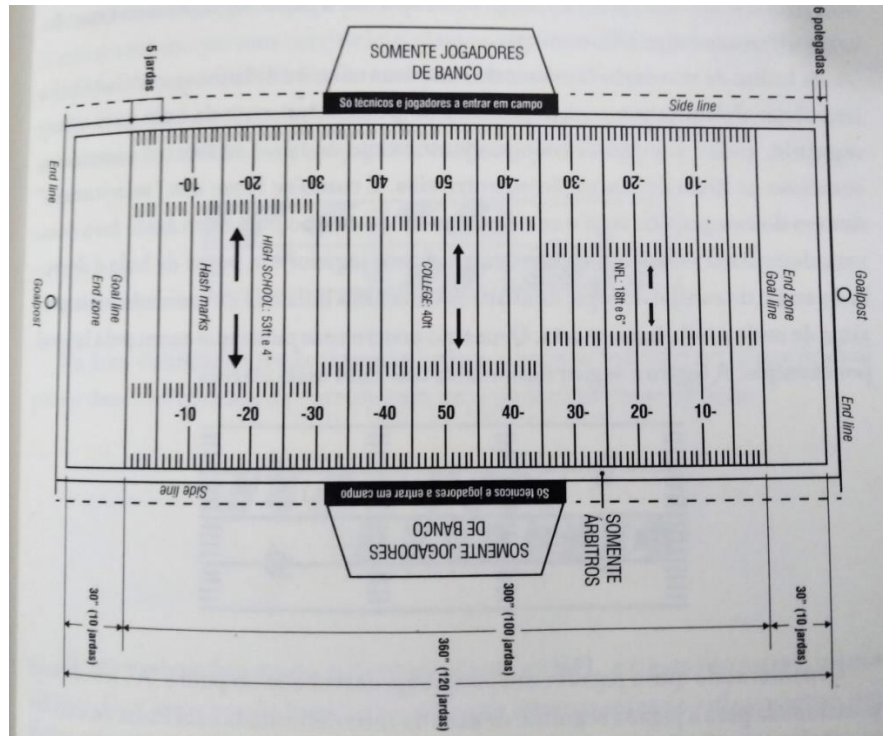


Figura 1 - Dimensões do campo de Futebol Americano. Fonte: Curti, 2017

Por outro lado, o gol utilizado em partidas do futebol americano lembra um pouco o de rúgbi. A barra lateral se encontra a 3 metros acima do chão na NFL. As traves verticais devem ser de 10 cm e, ao final delas, uma fita de náilon geralmente é colocada para que os chutadores (*kickers*) tenham uma noção de como está o vento. Sua localização está no final das *end zones*, horizontalmente na metade do campo (Curti, 2017).

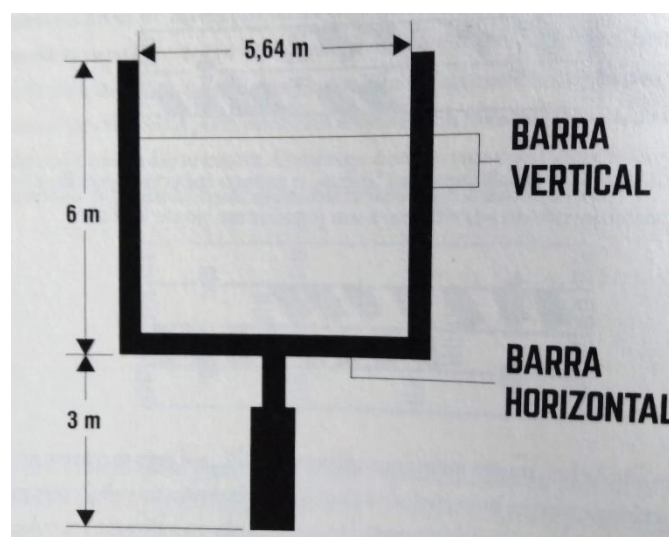


Figura 2 - Traves utilizadas para marcação de pontos. Fonte: Curti, 2017

Já o item principal do jogo, aquele que dá sentido às jogadas, está na bola utilizada no campeonato. Segundo Curti (2017), diferentemente da bola redonda, o passe com as mãos característico do rúgbi (para trás) e do futebol americano (para frente) é mais fácil de ser completado com uma bola oval. Sua própria aerodinâmica facilita o sentido que ela tomará após o lançamento. Seu bico impõe menos resistência do ar em comparação com a esfera. Conforme o passe para frente foi ficando mais comum no futebol americano, a bola foi se diferenciando da bola de rúgbi para facilitar seu manuseio na mecânica do passe para frente (Curti, 2017).

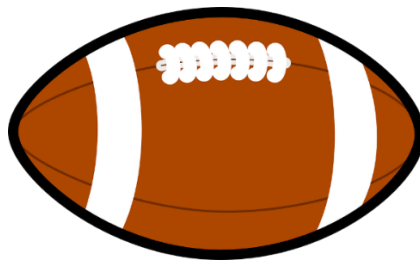


Figura 3 - Ilustração da bola utilizada em jogos. Fonte: pixabay.com

Outro item indispensável para a realização do jogo é o equipamento de proteção, elemento de segurança considerado obrigatório nos Estados Unidos, seja na prática profissional, seja na amadora, na escola ou faculdade. Os principais são: capacete, proteção de ombros (*shoulder pad*), proteção de coxas (*thigh pads*) e proteção de joelhos (*knee pads*). Todos esses itens são utilizados como forma de absorver o impacto com outros jogadores e com o solo.

2.4.1. As posições dos jogadores dentro do campo

Ao todo, 14 posições de jogadores podem ser classificadas no futebol americano, sendo estas divididas em sete para o time de ataque e seis para o time que estará se defendendo. A última posição é do especialista, em que dois tipos de jogadores são enquadrados.

O time de ataque inicia com seu principal jogador, o *quarterback* (1). Este é o responsável por receber o *snap* (passe inicial) em jogadas de ataque. Isso quer dizer que todas as jogadas, mesmo as corridas, terão o *quarterback* envolvido. Essencialmente, portanto, é o responsável por passar a bola.

O segundo lugar da lista fica com o *running back* (2). Pode-se defini-lo como o jogador que corre, como o próprio nome sugere em inglês. A posição é dividida em duas: *half-back* e

fullback. A primeira está sempre o mais distante possível da linha de *scrimmage* e a segunda é majoritariamente responsável por corridas curtas e bloqueios. Os *wide receivers* (3) são os recebedores, responsáveis por desenvolver todo tipo de rota no campo. Uma vez ou outra, entram em movimentação, sempre lateral e para trás, acabando por participar do jogo terrestre.

A quarta posição fica por conta do *tight ends* (4), um híbrido de jogador de linha ofensiva e de recebedor. Já o *offensive tackle* (5) é dividida em duas posições: *right tackle*, mais voltado para bloqueios de corridas e *left tackle*, com o objetivo de bloqueio no ponto cego do *quarterback*.

A sexta posição classifica o *offensive guard* (6), um *tackle* mais baixo e ágil. A função dos dois *guards* em campo é abrir espaço no meio do campo para o corredor e conter eventuais pressões geradas por outros jogadores de defesa.

O time de defesa inicia com o *cornerbacks* (A), que por sua vez será a “sombra” do *wide receiver*, ou seja, sua principal função será marcar esse jogador. Já o *defensive end* (B) cuida da extremidade da linha defensiva. Ele é o responsável por evitar que corridas cheguem em “campo aberto”, caso sejam laterais.

O *defensive tackle* (C) e o *nose tackle* (C) são responsáveis por fazer pressão em cima do *quarterback* e por conter corridas entre *offensive tackles*. O “patrulheiro”, o *inside linebacker* (D) pode ser encontrado em vários locais do campo. Entre as suas funções defensivas está a ocupação dos espaços, além de fazer tudo o que os outros jogadores defensivos fazem.

O *outside linebacker* (E) e *edge* (E) joga “por fora” e atrás dos *defensive ends*, no segundo setor de defesa. São responsáveis por executar, principalmente, *blitzes* e tentar realizar *tackles* para perdas de jardas quando atuando contra o jogo corrido.

A última posição da defesa, literalmente, é o *safety* (F), o último homem. Este é responsável pela última segurança que um time tem contra o passe.

Por fim, o time de especialistas fica por conta do *kicker* e do *punter*, cuja função é chutar a bola. O primeiro é o responsável pelo *kickoff* (chute inicial) e por situações de *field goal* ou chutes extras. Já o *punter* é aquele jogador que entra em quartas decididas, quando há a possibilidade de perda da posse de bola, para isolá-la (*punt*).

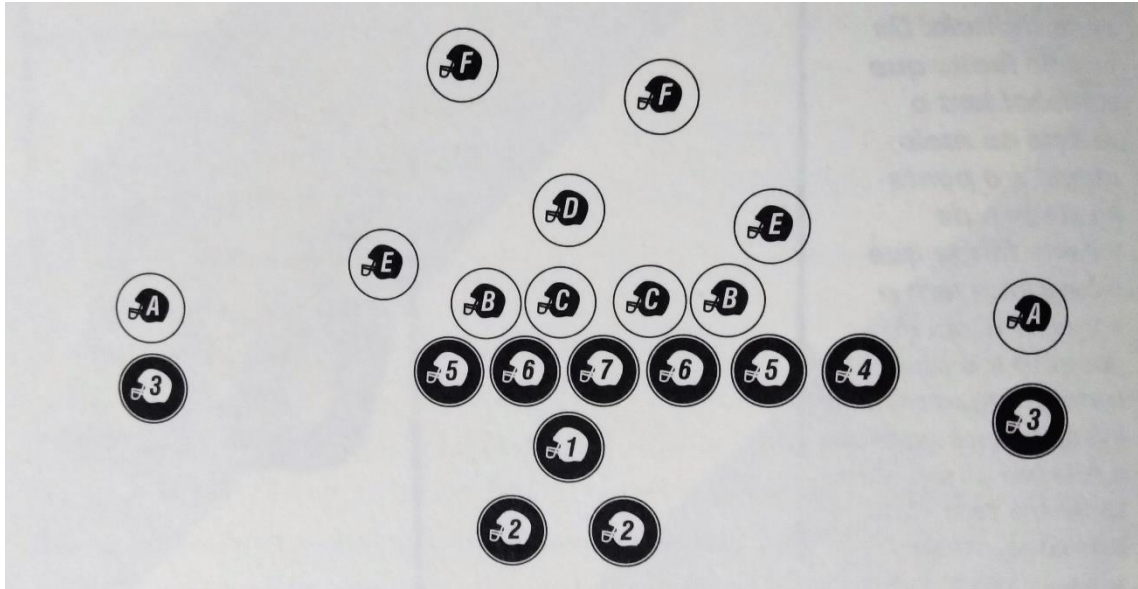


Figura 4 - Posicionamento dos jogadores de ataque e de defesa dentro do campo. Fonte: Curti, 2017.

2.4.2 A pontuação e o tempo de jogo

Assim como o gol no futebol ou o *try* no rúgbi, o futebol americano tem suas próprias maneiras de classificar as pontuações durante os jogos. O futebol americano tem dois tipos de pontuação: uma exclusiva do time em posse de bola e outra do time sem posse. Respectivamente, *touchdown/field goal* e, no outro caso, do *safety*. Além dessas três, existe a pontuação bônus após o *touchdown*: o time pode fazer uma conversão de tentativa para um ponto extra ou para dois pontos extras (Curti, 2017).

Começando pelo *touchdown*, a pontuação máxima do esporte. Este simboliza ter a posse de bola dentro do território do inimigo, na *end zone* do adversário. Ele vale seis pontos e dá a chance de uma conversão extra para mais um ou dois pontos, dependendo do contexto do jogo.

Por outro lado, o *field goal* é uma espécie de prêmio de consolação para o time que estiver atacando. Caso o plano A não dê certo (*touchdown*), é preciso ir para o plano B, ou seja, um chute que passe entre as traves do Y ao final de cada *end zone*. Por sua vez, o *safety* é o “*touchdown* contra” e vale dois pontos para o time que o força. Ele é marcado quando um jogador, em posse de bola, é derrubado dentro de sua *end zone* numa situação em que ele mesmo se colocou lá.

Ainda há as pontuações acessórias: o ponto extra e a conversão de dois pontos. Segundo Curti (2017), esses dois tipos possíveis de “bônus” são dados para uma equipe escolher após

marcar um *touchdown*, ao qual um ponto extra pode ser conquistado via chute ou uma conversão de dois pontos, que é como um *minitouchdown*.

Para que as estratégias das equipes sejam efetivas, o tempo de jogo será fator determinante para a escolha de determinada jogada. Nesse sentido, o jogo é dividido em quatro partes. A cada um desses períodos, é dado o nome de quarto, no qual cada um destes possui 15 minutos de duração, em ordem decrescente. Importante ressaltar que o cronômetro, dentro dos quartos, para em função de alguns acontecimentos específicos, como por exemplo pedidos de tempo, pontuações, mudança de posse de bola, entre outros. Se nenhum deles acontecer, o tempo de jogo continua sem interrupções.

3. Jornalismo e *Podcast*: o uso desse meio para a comunicação esportiva

3.1 Jornalismo e seus gêneros

O jornalismo pode ser entendido, de forma simples e prática, como uma atividade profissional da comunicação social que trabalha com a transmissão de notícias, produzidas a partir da coleta de dados factuais e outras informações. Assim, o jornalista lida diariamente com a prática de coletar, redigir, editar e publicar informações sobre eventos de interesse público. Segundo Traquina (2005), ao afirmar a dificuldade de definir a profissão, estabelece o jornalismo como a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e de mortes, com suas semelhanças e particularidades. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. Uma breve passagem pelos jornais diários serve para ver a vida dividida em seções que vão da sociedade, a economia, a ciência e o ambiente, à educação, à cultura, à arte, aos livros, aos *media*, à televisão, e cobre o planeta com a divisão do mundo em local, regional, nacional e internacional (Traquina, 2005).

Teoria esta que se expande para todas as áreas da profissão, sendo o jornalismo esportivo, uma delas. Desde a criança que sonha em se tornar atleta, ainda principiante no assunto, até o mais experiente esportista, a vida dos dois poderá ser contada em notícias ou reportagens algum dia. Da mesma maneira, relatos sobre jogos, campeonatos e torcidas também podem servir de matéria-prima para contar grandes histórias. O meio esportivo se torna, assim, um reduto de personagens que pode ser explorado a qualquer momento por um repórter com o intuito de construir narrativas, sem esquecer, é claro, do compromisso ético com a verdade que a profissão impõe.

O problema, evidentemente, é que o que é verdade, o que é opinião e o que é lenda se misturam e nem todo mundo é capaz de diferenciar o que é jornalismo do que não é (Coelho, 2004). É comum, pela tipicidade da profissão, a proximidade do jornalista esportivo a atletas e outras eventuais celebridades desse meio. Apesar disso, o profissional não pode se deixar levar pela paixão de estar perto do ídolo ou por cobrir o jogo do time do coração, tampouco quando acompanha a equipe rival. Problemas desse tipo não podem servir de argumento para o jornalista deixar a verdade de lado e seguir apenas a emoção. O especialista em esportes deve sempre perseguir a isenção, preferir a checagem dos fatos à rápida transmissão de notícias incorretas ou mal apuradas. Segundo Barbeiro & Rangel (2015), quem torce modifica, altera ou distorce os fatos. A verdade é vista com outros olhos, sendo compreendida com a mente de

um torcedor. Este tem o direito de torcer e distorcer à vontade. O jornalista não pode fazer nem uma coisa nem outra. Cabe ao profissional respeitar e seguir os princípios éticos do jornalismo, seja ele da área esportiva, econômica, política etc. Como relata Silveira (2009):

“Esse jornalismo que conhecemos hoje tem início no século XIX, pois foi nesse século que se desenvolveu a primeira imprensa, o mass media. A expansão dos jornais na época possibilitou o emprego de muitos profissionais que então começaram a ter a carreira jornalística como única atividade. Dessa forma, mudou-se o objetivo: não mais produzir propagandas, mas sim fornecer informações. Dessa transformação emergiram valores que até hoje são os identificados com o jornalismo: a notícia, a procura da verdade, a independência, a objetividade, e uma noção de serviço ao público. Tais ideias estão nos dois polos do campo jornalísticos: o polo econômico - a definição de notícias como negócio; e o polo ideológico - notícias como serviço público (Silveira, 2009, p. 27).”

No rádio, Ferraretto (2014) segue o pensamento, ao contextualizar a cobertura esportiva:

“Como na cobertura esportiva, além da notícia em si, interferem o lazer - esporte é entretenimento - e, talvez mais do que em outras áreas do radiojornalismo, publicidade e marketing, algumas considerações são importantes, até para estabelecer limites. (...) a tendência de considerar o fato esportivo pelo viés da opinião e não da informação, talvez mesmo da paixão e não da razão. Não há problema nenhum quando esse comportamento se associa ao simples torcedor, mas jornalismo pressupõe certo distanciamento crítico do acontecimento narrado (Ferraretto, 2014, p. 214).”

Para Barbeiro & Rangel (2015), a emoção do repórter, ao narrar os fatos, não pode se confundir com a paixão de um torcedor. Caso isso ocorra, haverá prejuízo no relato final. A emoção é um atributo de todo ser humano, e ajuda a aquecer as transmissões esportivas. Ainda assim, não se pode confundir com a paixão, que cega quem tem o dever de enxergar ou atrela o jornalismo a uma causa ou a um ídolo. A paixão emperra a apuração, incentiva a notícia sem acurácia, atrapalha a busca contínua da isenção e da ética (Barbeiro & Rangel, 2015).

Para garantir que as informações tenham seus parâmetros de classificação e distinção, e, conseqüentemente, para não confundir o que é informação pessoal com o que é informação jornalística, podem ser categorizados os gêneros jornalísticos. Como observa Lailton Alves da Costa (Enciclopédia Intercom de Comunicação, v. 1, 2010, pág 593):

“Apesar da complexidade que ronda o conceito de gênero jornalístico, o resultado de sua prática é perceptível no dia a dia de todo veículo de comunicação cuja atividade fim é o jornalismo. Basta mirarmos um jornal diário, um site, ou ainda um canal de TV ou emissora de rádio, para notarmos que há textos, imagens e sons que nos transmitem o noticiário, propagandas de várias formas, entre outras variações informativas como horóscopo, dados sobre o tempo, o movimento das bolsas de valores etc. Em todas estas informações há certos parâmetros textuais (que formam os gêneros) empregados pelo profissional da informação (produtor, repórter, publicitário, entre outros) para relatar acontecimentos, ideias, produtos e serviços cujo

resultado deverá ser reconhecido pelo receptor [...] (Enciclopédia Intercom de Comunicação, v. 1, 2010, p. 593 *apud* Ferraretto, 2014, p. 95).”

Desse modo, como registra Marques de Melo (In: Melo; Assis, 2010, pág 23-41), a cultura jornalística brasileira indica a ocorrência no país de cinco gêneros jornalísticos. No rádio, cabe observar, adquirem formas específicas, adequando-se às características do meio. Assim, os gêneros informativo, interpretativo, opinativo e utilitário predominam, enquanto o diversional tem presença diminuta e eventual na programação das emissoras do segmento (*apud* Ferraretto, 2014).

O **gênero informativo** limita-se a narrar o assunto a ser noticiado com o mínimo de detalhes necessários à sua compreensão. Por se adaptar às necessidades de concisão do texto radiofônico, é o gênero preponderante em informativos com as sínteses noticiosas e as edições extras. Aparece também em reportagens, embora estas tendam, pela adição da impressão pessoal do jornalista ou radialista, a invadir o terreno do jornalismo interpretativo. O mesmo acontece com informativos especializados, radiojornais e toques informativos. Conteúdos como a narração esportiva, embora essencialmente descritivos, oscilam entre o informativo - a irradiação momento a momento do que acontece -, o interpretativo - por exemplo, a contextualização daquele evento específico em relação aos demais dentro de uma competição esportiva - e o opinativo - a emissão de juízos de valor a respeito do desempenho de árbitros, atletas, clubes, dirigentes e equipes (Ferraretto, 2014).

Representando uma ampliação qualitativa do tratamento dos assuntos que serão repassados ao público, o objetivo do **gênero interpretativo** é situar o ouvinte em relação à narrativa que está sendo contada.

Essa contextualização exige uma série de providências na elaboração da notícia. Segundo Alberto Dines (*apud* Rabaça; Barbosa, 2001, pág 405):

“Isto só é se consegue com o engrandecimento da informação a tal ponto que ela contenha os seguintes elementos: a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e sua projeção para o futuro (Rabaça; Barbosa, 2001, p. 405 *apud* Ferraretto, 2014, p. 97).”

De forma geral, esse gênero situa o leitor sobre as consequências que o fato noticiado produzirá nas pessoas daquele contexto. Ao utilizá-lo, o jornalista buscará informações relativas

ao acontecimento, no passado ou no presente, para contextualizá-lo e desta maneira, projetar suas implicações para o futuro.

O texto manchettato permite o uso de recursos mais interpretativos. Esse gênero ainda está presente em boletins, nos quais o repórter situa o objeto da notícia em um quadro amplo, podendo englobar aspectos sociais, econômicos, históricos e culturais. No entanto, a forma de contextualizar, por exemplo, um acontecimento não se restringe ao noticiário. Participações de âncora e de comentaristas, bem como programas de entrevistas e mesas-redondas, transitam por esse gênero, podendo oscilar entre ele e o opinativo. Já o documentário constitui-se em um tipo de conteúdo interpretativo (Ferraretto, 2014).

O gênero opinativo engloba um julgamento próprio (pessoal ou da empresa de radiodifusão) a respeito de determinado assunto. Interpretação e opinião incluem, em certa medida, a inter-relação com outros acontecimentos, opiniões e mesmo serviços, mas representam tratamentos bem diversos. Não se confundem, portanto, como observam Rabaça e Barbosa (2001, pág 405): “(...) a interpretação é constituída de elementos adicionais que tornam a informação mais explícita e contextualizada; opinião é o ponto de vista exposto, é o juízo que se faz do assunto”. Especificamente em rádio, torna-se essencial, como alertam Heródoto Barbeiro e Paulo Rodolfo de Lima (2003 pág 28-9), ficar clara para o ouvinte a diferença entre o que é notícia e o que é conteúdo opinativo:

“É preciso ajudar o ouvinte a distinguir o que é informação e opinião, ainda que no rádio esta seja mais difícil do que em outros meios de comunicação. Vinhetas e carimbos eletrônicos podem ajudar a distinção, ainda que em última análise não se possa separar informação de opinião. Ainda, assim, pelo menos formalmente é preciso se empenhar para separar opinião de informação. (Barbeiro & Lima, 2003 *apud* Ferraretto, 2014, p. 97)”

Em rádio, o gênero opinativo está presente nos comentários, nos editoriais, em algumas intervenções dos âncoras e na participação do ouvinte.

Já o **gênero utilitário** inclui informações sobre aeroportos, indicadores do mercado financeiro, pagamento de impostos, previsão do tempo, entre outras notícias que auxiliem de alguma forma no dia a dia de um sujeito. Em rádio, pode-se citar também a constante indicação da hora da temperatura ao longo da programação e, ainda, os programas em que ocorre uma intermediação da resolução de problemas da população. O ouvinte entra em contato, a emissora

constata a situação relatada e, no ar, os órgãos públicos responsáveis manifestam-se a respeito (Ferraretto, 2014).

A procura por informações sobre preço dos ingressos, locais de venda, trânsito, horário de jogos, são alguns exemplos de prestações de serviço que os jornalistas esportivos podem conceder ao seu público no rádio.

Por fim, mas não menos importante, o **gênero diversional** fica próximo da literatura, correspondendo ao que, décadas atrás, era conhecido como *New Journalism*. Essa categoria possui a tendência à incorporação de técnicas de narrativa ficcional na descrição de fatos reais (Erbolato, 1991, pág 43-44, apud Ferraretto, 2014). De fato, é um campo pouquíssimo explorado no radiojornalismo brasileiro. Por necessitar de bastante tempo para sua produção, são raros os profissionais dedicados ao segmento, já que o cumprimento de pautas e *deadlines* extremamente apertados dificultam o processo de criação.

No Brasil, onde predomina o rádio comercial, a opção será pela entrevista ao vivo com foco na personalidade, por exemplo, em detrimento do programa montado, de abordagem com teor mais artístico a descrever de modo documental uma história de vida recorrendo a arquivos de vozes, efeitos sonoros e músicas, tudo amarrado por um texto de elaborada redação (Ferraretto, 2014).

3.1.1. A presença dos esportes na imprensa mundial

Historicamente, o jornalismo dedicado exclusivamente ao esporte não é algo novo. As primeiras notícias publicadas na imprensa sobre esportes se limitaram a relatar casos curiosos, comentados por quem havia presenciado a luta entre o cozinheiro Lord Smith com o confeitiro Duque de Bridge. O primeiro, em uma modalidade chamada boxe, havia dado uma surra com seus punhos no segundo, o que fez com que o mestre cozinheiro ganhasse a aposta com o duque (Alcoba, 2005).

Esse tipo de comentário teve grande aceitação do público por tratar-se de um assunto pouco visto na época, plantando a ideia que, posteriormente, cresceria para se tornar um dos temas (esporte) de maior destaque na imprensa mundial.

Pouco a pouco, notícias sobre esportes foram sendo ampliadas com artigos descritivos dos jogos e modalidades mais praticadas. Os aspectos que a prática do esporte propiciava para a saúde dos atletas e os confrontos entre esportistas dos incipientes clubes da Inglaterra e de toda a Europa, também eram temas da imprensa na época. Segundo Alcoba (2005), em 1828, surge em Paris, o *Journal des Haras*, uma revista dedicada aos esportes. Em 1852, surge na Inglaterra, o que se pode considerar como o primeiro diário esportivo, o *Sportman*.

Após quatro anos do lançamento do jornal inglês, em 1856, se publica na Espanha a revista *El Cazador*, com conteúdo dedicado aos entusiastas da caça. Em 1866, surge em Valência o jornal *El Colombaire* sobre o mesmo assunto, porém, com a particularidade de ser bilíngue. Seguindo a cronologia de publicações, em 1865 aparece o *La caza*, tido como o primeiro jornal esportivo espanhol. Em 1869, nasce em Huesca a publicação *El pedal*, periódico dedicado a um único esporte (Alcoba, 2005).

Algum tempo depois, do outro lado do oceano, acontece nos Estados Unidos um dos feitos mais significativos para a história da imprensa esportiva. A decisão do magnata da imprensa norte-americana, Willian Randolph Hearst, em incluir informações esportivas nas páginas do seu jornal, o *The New York Journal*. A partir de 1895, começou-se a informar primeiro sobre corridas de cavalos e, em seguida, sobre outros esportes. Segundo Alcoba (2005), essa atitude fez com que o *The New York Journal* superasse a tiragem de todos seus concorrentes no País, obrigando os rivais a ceder espaço à informação esportiva em seus jornais.

Jornais norte-americanos começaram a reservar diariamente espaço exclusivo ao esporte em suas páginas interiores. Em 24 de setembro de 1926, entretanto, o *The New York Times* rompeu com essa norma publicando em sua capa uma enorme fotografia do boxeador Gene Tunney em um automóvel recebendo homenagens dos torcedores que festejavam sua vitória sobre Jack Depmsey, na Filadélfia (Alcoba, 2005).

A decisão de incluir informações esportivas se estendeu também para o rádio que, segundo Alcoba (2005), aceitou o desafio informativo para tentar oferecer aos seus receptores o sucesso esportivo com a imediaticidade característica desse meio. Apesar disso, os primeiros anos da radiodifusão não foram fáceis. A técnica ainda rudimentar na captação e transmissão

das informações uniu-se ao receio dos organizadores das competições. Estes entendiam que a transmissão ao vivo das mensagens tiraria os espectadores dos locais dos eventos.

No caso da televisão, a situação foi menos complicada. Em 1936, a organização dos Jogos Olímpicos de Berlim realizou a primeira transmissão de uma competição esportiva dessa envergadura, ainda que fosse em circuito fechado. A prova do sucesso pôde ser presenciada pelos primeiros telespectadores esportivos de uma edição dos Jogos Olímpicos em uma tenda instalada nas cercanias do estádio. Com o desejo de obter benefícios, as emissoras de televisão logo se deram conta de que o esporte poderia ser um grande atrativo para os telespectadores e não duvidaram em apostar nele até o ponto de convertê-lo ao orçamento mais importante dessas empresas. (Alcoba, 2005)

Hoje em dia, o futebol americano é exemplo de modalidade esportiva que gera grande receita a emissoras de televisão norte-americanas e para os clubes que destas recebem patrocínio. Em 2017, para que uma empresa transmitisse um anúncio de 30 segundos durante os intervalos do Super Bowl (final do *football*) era cobrado um preço mínimo de 5 milhões de dólares, de acordo com dados da Kantar Ibope Media⁶.

Com o passar dos anos, o esporte conquistava seu espaço na imprensa mundial e, em seguida, nos jornais brasileiros, deixando de ser um assunto secundário para estampar grandes jornais.

3.1.2 A mídia esportiva brasileira

Os primeiros relatos envolvendo acontecimentos esportivos teriam começado a ser escritos em 1856, no jornal *O Atleta*, no qual eram disponibilizadas receitas para o aprimoramento físico dos habitantes do Rio de Janeiro. Em seguida surgiram *Sportman* e *O Sport*, os dois lançados em 1887, com título e ortografia em inglês. Esses jornais se dedicavam principalmente a transcrição de jogos populares, tradicionais e de azar, dedicados sobretudo ao lazer das classes sociais privilegiadas. Estas viam o esporte como algo civilizatório, por vir do continente europeu. Turfe, remo e regatas eram as atividades esportivas que mais ganhavam destaque nesses jornais (Pozzi & Ribeiro, 2006).

⁶ Empresa especializada em pesquisa sobre a mídia.

É a partir do século XIX, então, que o esporte começa a ganhar cada vez mais espaço na mídia. Segundo Pozzi & Ribeiro (2006), as primeiras crônicas esportivas começam a surgir na década de 1900, escritas por personalidades como José da Silva Paranhos e Machado de Assis. Neste período jornais como o *Correio da Manhã* (1901), *O Paiz* (1884), *Gazeta de Notícias* (1875) e *Jornal do Brasil* (1891) passam a publicar em suas páginas resultados esportivos.

Na década de 1910, novas publicações nascem com o objetivo de atender a um público que estava progressivamente tendo contato com o tema. O destaque desta época fica por conta da revista *Vida Esportiva* (1917), pois além de ter circulação nacional, continha fotos e charges sobre as principais competições desse período (Pozzi & Ribeiro, 2006).

Nessa mesma década (1910), em São Paulo, o jornal *Fanfulha* destinou algumas de suas páginas para notícias esportivas pela primeira vez. Segundo Coelho (2004), o *Jornal* não era voltado para as elites, assim como não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na capital paulista naquele tempo: os italianos. Um aviso não muito pretensioso em uma das edições, inclusive, chamava-os a fundar um clube de futebol na cidade. Foi assim que nasceu o *Palestra Itália*, que décadas mais tarde se tornaria a *Sociedade Esportiva Palmeiras*, um dos clubes mais tradicionais de futebol no Brasil.

No início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro, o futebol se impunha para impulsionar a publicação de notícias em jornais na época. Times como o *Vasco*, campeão da Segunda Divisão, em 1923, com a presença de negros em seu elenco, popularizou ainda mais o segmento. Era o que faltava para tornar o esporte ainda mais popular.

Algum tempo depois, é criada a *Gazeta Esportiva* (1924) como encarte do jornal *A Gazeta*, em São Paulo. Nela eram divulgadas notícias sobre automobilismo, futebol, remo, polo aquático, boxe e tênis, além de promover encontros esportivos regionais e internacionais (Pozzi & Ribeiro, 2006).

Em 1926, as crônicas esportivas ganham destaque pelas palavras de Mário Filho e, seu irmão mais novo, Nelson Rodrigues. Nesse ano, Mário começa a trabalhar como jornalista esportivo no jornal *A Manhã*. Após cinco anos, em 1931, Mário funda o *Jornal dos Sports* no

Rio de Janeiro. Em 1933, com a instauração do profissionalismo do futebol, Mário Filho pode publicar o primeiro diário dedicado exclusivamente ao mundo esportivo no país (Silveira, 2009).

Os textos de Mário Filho e Nelson Rodrigues “tinham vida própria”, caracterizados pelo romantismo de suas palavras. Segundo Coelho (2004), entretanto, tais publicações não podiam ser rotuladas como uma forma de jornalismo, já que a profissão tem como princípio fundamental a verdade ao invés da produção de contos. Coelho afirma (2004):

“Dizia Mário Filho no texto que reverenciava o ponta-direita do Fluminense, no final dos anos 50: ‘Telê joga os noventa minutos. Dito assim, parece simples. Todo jogador joga noventa minutos. Seria assim não fosse Telê. Telê é o ponteiro dos segundos. Não para nunca!’ (...) Também não podia ser jornalismo as crônicas que Nelson Rodrigues escrevia depois de virar-se para Armando Nogueira, no Maracanã dos anos 50, e perguntar-lhe: ‘O que foi que nós vimos, Armando?’ (Coelho, 2004, p. 17).”

Apesar da presença cada vez mais constante nas páginas de jornais, alguns escritores ainda se mostravam contrários à ascensão do esporte na mídia. Segundo Paulo Vinícius Coelho (2004), o escritor Graciliano Ramos, ainda no início do século XX, parecia estar convencido de que o futebol, nascido na Inglaterra, não conquistaria adeptos no Brasil. Em seu livro “Jornalismo Esportivo”, Paulo Vinícius Coelho cita o relato do escritor alagoano, no jornal *O Índio*, se referindo ao futebol como algo que “não pegaria entre os brasileiros, com certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho” (Coelho, 2004).

Para Coelho (2004), a rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do Brasil naquele tempo, jamais estamparia as primeiras páginas de um jornal:

“Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias - ou nos campos, nos ginásios, nas quadras - valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? Não, não poderia, mesmo que movesse multidões às ruas em busca de emoções que a vida cotidiana não oferecia.” (Coelho, 2004, p. 7-8)”

Duvidar se tornou prática preferida entre aqueles que viam o esporte como algo secundário, de menor expressão. Até mesmo para quem vivia de escrever para os cadernos especializados na época, como fez João Saldanha, que viria a se tornar, algum tempo mais tarde, em um dos mais importantes cronistas brasileiros. Segundo Coelho (2004), Saldanha fez uma previsão de que a recém-criada revista *Placar* (1970) nunca sairia dos primeiros números.

Ao passo que alguns intelectuais se mostravam incrédulos a solidificação das publicações esportivas, outros jornais foram surgindo. Nos anos 30, o *Jornal dos Sports* nasceu no Rio de Janeiro. A rigor, este foi o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no Brasil. (Coelho, 2004).

Nesta década ocorreu a primeira transmissão esportiva no rádio, realizada por Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educativa Paulista, quando transmitiu o jogo entre as seleções de São Paulo e do Paraná pelo VII Campeonato Brasileiro de Futebol no ano de 1931. Nos anos 40, as notícias esportivas passam a ter menos destaque nos jornais devido à Segunda Guerra Mundial. Além dos esportes já citados, outros que ganharam visibilidade nesse período foram basquetebol, ciclismo, hipismo, natação, entre outros (Pozzi & Ribeiro, 2006).

A década de 50 consolida o rádio como força midiática, com cerca de 477 emissoras e 500 mil aparelhos receptores. Locutores esportivos como Geraldo José Almeida, Oduvaldo Cozzi, Pedro Luís, Jorge Curi e Paulo Planet Borges se destacam como divulgadores das grandes partidas nacionais nesse período (Pozzi & Ribeiro, 2006).

Ao passo que o rádio estava em ascensão, diversas publicações impressas foram surgindo e desaparecendo no Brasil da época. No Rio de Janeiro, a *Revista do Esporte* viveu bons momentos entre o final da década de 1950 e o início dos anos 60. Nesse espaço de tempo, Silveira (2009) destaca outros periódicos que surgiram em algumas das principais cidades brasileiras:

“Em 1949, no Rio Grande do Sul, o Correio do Povo lança A Folha Esportiva, um matutino que durou até 1963. O Estado de São Paulo foi o último da grande imprensa nacional a deixar de dedicar apenas poucas colunas ao tema. Como o impacto causado pela conquista do primeiro título mundial pelo Brasil, em 1958, não é possível resistir e, na década de 60, o Estadão abre espaço ao esporte. É no final dessa mesma década que Roberto Petri lança o diário esportivo O Jornal. E os grandes cadernos seguem se desenvolvendo. (Silveira, 2009, p. 23)”

Em 1950, os Jogos da Primavera são promovidos pelo *Jornal dos Sports* e seu redator chefe Mário Rodrigues Filho se destaca na crônica esportiva. A Rede Record se torna pioneira em transmissão esportiva interestadual pela televisão, com o jogo Brasil e Inglaterra realizado no Maracanã-RJ no ano de 1956 (Pozzi & Ribeiro, 2006).

O fim da década de 1960 marca a consolidação dos cadernos de esportes nos jornais. Em São Paulo, surgiu o *Caderno de Esportes*, que originou o *Jornal da Tarde*. A partir dos anos 60, com periódicos esportivos mais presentes e com maior volume, o Brasil entrou na lista dos países com imprensa esportiva de larga extensão. (Coelho, 2004).

A imprecisão dos antigos diários diminui nos anos 70 com o compromisso da imprensa brasileira de contar a verdade e o surgimento da revista *Placar* (Silveira, 2009). Segundo Pozzi & Ribeiro (2006) é nesta década que a transmissão esportiva ganha força com o aparecimento da televisão a cores e os primeiros satélites de comunicação. Alguns anos mais tarde começa a ser reservado um espaço na grade de horários das emissoras de televisão aos domingos para a cobertura esportiva. Cresce o número de programas diários de rádio e de televisão dedicados exclusivamente ao esporte.

A partir da década de 1980, a figura do narrador esportivo ganha força nas transmissões esportivas e repórteres como Luciano do Valle e Galvão Bueno passam a ser essenciais para divulgação e desenvolvimento de outros esportes, além do futebol, ou no reconhecimento de estrelas esportivas.

O crescimento é inevitável e na década de 90 era comum a editoria de esporte contar com cerca de 30 profissionais. Número que serve de balizamento para Paulo Vinícius Coelho, com outros jornalistas, formar o diário *Lance!*, em outubro de 1997 (Silveira, 2009).

A partir dos anos 2000 há um salto de qualidade com as transmissões digitais e a convergência entre TV e Internet. Os custos dos direitos de transmissão se fragmentam ao máximo, saindo de um modelo em que a TV aberta e o rádio disponibilizavam os conteúdos esportivos para a grande massa de interessados (Pozzi & Ribeiro, 2006).

Neste momento, começam a surgir novas formas de divulgação de notícia e novos produtos a serviço do profissional da imprensa, assim como o desenvolvimento da mídia de nicho. A figura do especialista em único esporte ganha força ao utilizar dessas novas tecnologias para a distribuição de conteúdos segmentados para uma parcela maior de interessados.

3.2. O especialista

Segundo Alcoba (2005), os primeiros jornalistas esportivos foram tomados como profissionais de segunda classe, já que a área na qual decidiram trabalhar falava sobre um assunto comum, ao alcance de qualquer um com uma caneta na mão com vontade de escrever. Essa nova área do jornalismo não poderia se comparar com outras seções fundamentais de um meio de informação como a internacional, a nacional, a local, a econômica e a política. Para escrever sobre estes assuntos era preciso preparação e educação política por parte do jornalista, enquanto comunicar e difundir temas esportivos era desnecessária sabedoria de causa (Alcoba, 2005).

“Ninguém entende mais do assunto do que um garoto de 12 anos”, essa frase é do jornalista esportivo da ESPN Mauro Cezar Pereira. Segundo Coelho (2004), pergunte a um garoto dessa idade o que você quiser saber sobre o time dele. Ele lhe dará as informações que pedir, seja o calendário de jogos, os próximos confrontos, os últimos resultados, os atletas contratados e os desfalques para as partidas que virão.

A afirmativa feita pelo jornalista vai ao encontro do pensamento de Alcoba. Se um menino dessa faixa etária possui tanto conhecimento do assunto, qual seria a função do jornalista esportivo no processo informativo? Segundo Coelho (2004), o menino apaixonado por futebol pode achar que o Roque Júnior é o maior zagueiro de todas as épocas, apenas porque Roque Júnior fez três ou quatro partidas boas. Entretanto, o homem adulto, jornalista formado, não se deixa iludir justamente porque carrega todo o nível de conhecimento que o menino deixou de herança, munido também dos princípios éticos da profissão e a experiência adquirida com o passar dos anos. O jornalista investiga, compara dados, verifica a informação. Utiliza do sentimento de apreço pelo esporte que surge na infância para impulsionar o desejo de informar, claro, com isenção, seguindo critérios jornalísticos.

Ainda assim, a formação acadêmica nessa área não garante que ao final da faculdade o sujeito se torne um bom profissional. O erro é a arrogância de quem julga todo conhecimento jornalístico eminentemente técnico. O que importa é saber construir uma boa história, priorizar a informação, ter noção exata de qual é o lide da matéria que está por nascer e o encadeamento de ideias para tornar a história suficientemente atraente. É a síntese da profissão, que vive de apurar informações inéditas e construir matérias corretas (Coelho, 2004).

Não adianta entender as regras, conhecer os atletas e olhar todos os campeonatos daquela equipe. Isso não resolve todo o problema. De que serve todo o conhecimento adquirido sobre um esporte específico se este não é transformado em matéria jornalística, escrita de forma concisa e com estilo próprio? Segundo Coelho (2004), será nessa hora que volta a existir o garoto de 12 anos, aquele que muitas vezes aprendeu a escrever por reflexo ou impulso, lendo textos dos principais jornalistas do país.

Ao ser classificado como um profissional que trabalha em uma área “comum”, em que qualquer indivíduo tem a capacidade para produzir essas informações, o jornalista esportivo necessita especializar-se e ter a noção sobre o que está comunicando. É preciso ter conhecimento teórico e técnico suficiente para transmitir informações para o leigo no assunto, assim como se comunicar com aquele outro mais experiente, que consiga criticá-lo, caso surja algum erro durante a comunicação. Caso não consiga, Coelho afirma:

“Se não for estará fadado a cometer erros por absoluta ingenuidade no trato com o assunto que, à primeira vista, parece de domínio público. (...) É em geral a capacidade de transformar o conhecimento acumulado ao longo dos anos em notícia concreta e, se possível, com consequências importantes para a sociedade. O garoto de 12 anos chegará aos 21 em clara vantagem com relação ao seu colega. O conhecimento adquirido poderá permitir-lhe maior compreensão dos fatos, o que certamente lhe facilitará o contato com as fontes e lhe dará condição de construir matérias muito mais detalhadas do que seu colega sem a mesma cultura específica (Coelho, 2004, p. 43-44).”

Para todo bom jornalista, checar as informações recebidas é de suma importância para que não ocorram ruídos na comunicação entre as partes. Não há espaço, por exemplo, em se deixar influenciar por fontes ou até mesmo confiar cegamente na memória, desprezando a apuração dos fatos. Será a experiência unida ao conhecimento de causa o divisor de águas que permitirá ao repórter avaliar quando a notícia é plantada por fonte para beneficiar alguém ou desqualificar outrem.

É a experiência que vai ensinar ao jornalista avaliar a importância da informação e definir qual tratamento dar a ela. E ao mesmo tempo fazê-lo não subestimar notícia aparentemente irrelevante. É, enfim, o elemento que o fará duvidar de si próprio, mesmo quando sua memória jurar que a informação historicamente correta é a que está na sua cabeça. Muitas vezes não é. Essa lógica funciona para jornalistas de qualquer área (Coelho, 2004).

O conhecimento precisa existir, e a especialização do jornalista também. Em algumas modalidades, o atleta exige a sabedoria do profissional da imprensa. Segundo Coelho (2004):

“Lemyr Martins foi um dos primeiros jornalistas brasileiros a viajar atrás do circo da F-1. De tão reconhecido como especialista da área, era dos poucos respeitados até por Ayrton Senna. No dia do acidente fatal com Senna em Ímola, na Itália, Lemyr recebeu o recado de que o piloto queria conversar com ele. Queria passar informação ao jornalista que o acompanhava desde os tempos de kart. Quem Senna não conhecia desde esses tempos não recebi tratamento tão bom. Nem mesmo Reginaldo Leme, que chegou a brigar com o colega Galvão Bueno por causa do relacionamento deste com o piloto. (...) O conhecimento de quem faz a pergunta precisa existir (Coelho, 2004, p. 50).”

Logo, os responsáveis pelas redações perceberam a complexidade do jornalismo esportivo e a crescente exigência do público em obter informações bem apuradas. Segundo Alcoba (2005), no início escrever sobre competições era simples, bastava explicar aos receptores dos meios o resultado final das partidas com algumas “pinceladas” subjetivas de como o jogo havia se desenrolado. Mas a informação esportiva, assim como aconteceu com a política, a economia, entre outras áreas, foi além desse limite. O jornalista esportivo deveria analisar o porquê do resultado final, a participação dos atletas no certame, o trabalho do técnico etc. Isso não se faz apenas com uma simples crônica ou com um comentário após o encerramento da partida.

Nos esportes como futebol em que aparentemente os fãs sabem tanto quanto o jornalista, é imprescindível o conhecimento do regulamento para poder referir-se às jogadas polêmicas com equanimidade e tentar eliminar, por meio do seu julgamento, qualquer tipo de polêmica. Este deverá ter um amplo conhecimento das diversas competições, dos clubes que participam destas e dos atletas que os integram. (Alcoba, 2005).

Situações similares se apresentam em todos os esportes em que o jornalista esportivo deve informar, daí a necessidade da especialização. Um profissional do esporte está obrigado a dominar todos os aspectos de um determinado esporte. Um autêntico especialista que conhece não tudo, pois isso seria impossível, mas o máximo dos aspectos e situações que passa o esporte, isso mostra o quanto este está familiarizado com o esporte (Alcoba, 2005).

Um bom exemplo da necessidade de existir especialistas em um determinado esporte é o futebol americano. Com uma quantidade relevante de regras, táticas e jogadores com múltiplas funções em campo, é exigido do profissional da imprensa grande conhecimento de

causa para que a comunicação entre ele e o público seja transparente, sem erros durante o processo. O jornalista precisa estar bem informado para transmitir as informações de forma correta, compreendendo o assunto que está analisando.

3.3 Jornalismo na internet e o *podcast*

O nascimento da Internet possibilitou um novo sistema comunicativo entre os meios jornalísticos e os públicos a que se destinam as notícias, ao qual o esporte, como assunto de interesse massivo, não poderia ser deixado de lado. Segundo Alcoba (2005), o surgimento de uma nova forma de transmissão de informações como a internet possibilitou à profissão a difusão dos gêneros jornalísticos em uma escala muito maior. As ideias ou interesses informativos dos meios de comunicação podem agora ser difundidos com qualquer pessoa, em qualquer parte do mundo. Em consequência, surgem as páginas e portais referentes aos canais temáticos sobre esportes.

O limite físico de um jornal deixa de ser compromisso a ser seguido para que o repórter possa escrever uma boa matéria. As ondas hertzianas não são mais as únicas que propiciam ao profissional a imediaticidade que o rádio se vangloriava há alguns anos. Em uma sociedade globalizada, conectada à rede por computadores, dispositivos móveis etc., notícias sobre esportes podem ser acessadas em qualquer lugar do mundo. A internet propicia maior espaço ao jornalista para publicação de notícias, assim como torna ágil e rápido a disseminação de informações que atualmente é exigida da profissão.

A mídia aceitou o novo desafio de se juntar à rede para verificar que a demanda por informação por este novo meio vem aumentando, e a tecnologia chegou a um ponto em que parece se acalmar - depois de captar os avanços admissíveis de incorporações virtuais entre diferentes formas de comunicação. Essa virtualidade permitiu o nascimento de um meio polivalente que pôs a serviço do internauta variáveis comunicativas impensáveis há alguns anos e que são explorados por todo tipo de empresas. (Alcoba, 2005)

Entre as “variáveis comunicativas” citadas por Alcoba está o *Podcast*. Este pode ser definido como um produto que pode ser difundido via assinatura do usuário por meio da internet, em que a informação é apresentada por meio de elementos sonoros, textuais e imagéticos, processo denominado *podcasting*. Contudo, o conteúdo principal de sua mensagem

apresenta-se pelo som, possibilitando a escuta do áudio de forma isolada sem que ocorra algum prejuízo na significação da mensagem (Carvalho, 2014).

Aspecto semelhante ao do rádio, em que a linguagem radiofônica consiste em um conjunto de elementos sensoriais de tipo auditivo. Segundo Carvalho (2014), esses elementos ao serem combinados entre si compõem uma obra essencialmente sonora, capaz de produzir estímulos sensoriais estéticos e intelectuais. Mais precisamente, a linguagem do rádio é composta por quatro elementos: a palavra, a música ou a trilha sonora, os efeitos sonoros e o silêncio. O *podcast*, por sua vez, é constituído por um ou mais elementos combinados de diferentes formas, de acordo com a proposta do emissor, tendo em vista aquele com qual se deseja partilhar o conteúdo de seu discurso (Carvalho, 2014).

A comparação desse meio de comunicação com o rádio pode sugerir o seguinte questionamento: trata-se de uma derivação do rádio ou é algo novo, com suas particularidades? Segundo Primo (2005), apesar de ambos trabalharem com áudio, existem muitas características que os individualizam. A rigor, o *podcasting* remedia o rádio. A remediação, conforme propõe Bolder (2001), ocorre quando um novo meio toma emprestado características de um anterior. É como se fosse uma competição cultural entre tecnologias. Existe aí também um impacto recursivo, no sentido que o novo meio pode reorganizar o espaço cultural do meio mais antigo. Em outras palavras, os meios de comunicação mais recentes podem tanto herdar e se apropriar de elementos de seus predecessores quanto atualizá-los (Primo, 2005).

Ao passo que a tecnologia evolui e novos formatos surgem, as empresas de comunicação passam a experimentá-los na divulgação de informações. Esse fato acaba propiciando às empresas a abertura do “leque” de assuntos possíveis a serem tratados jornalisticamente. No caso dos esportes, modalidades tidas como minoritárias, pertencentes a nichos, podem ter espaço nos grandes veículos de imprensa. Da mesma forma que outras modalidades já consolidadas ganham uma nova forma de transmissão de seus conteúdos, como por exemplo o futebol tradicional. O uso desse novo meio tecnológico não implica a “morte” do rádio ou de qualquer outro meio de comunicação que passe pelo mesmo processo.

Como define Primo (2005):

“Apesar das tantas previsões frustradas de morte desse meio, o rádio resiste como um dos meios de comunicação mais importantes de nosso tempo. E continua reinventando-se. Já o podcasting surge como um novo processo midiático na Internet, e que oferece formas particulares de interação. Quanto ao rádio, não se pode mais vinculá-lo ao contexto analógico, à mera transmissão sonora e a um receptor de ondas eletromagnéticas. Sua transmissão pode ser digital, incluir informações textuais e ser escutado inclusive em celulares e televisões conectadas a uma antena parabólica. Este é o novo entorno multimidiático do rádio, conforme diagnostica Herreros (2001). Segundo o autor, “informação radiofônica aparece dentro da programação de uma rádio mutante submetida a um conjunto de mudanças técnicas, organizacionais, financeiras e de fragmentação de audiências (Primo, 2005, p. 2).”

Herschmann e Kischinhevsky (2008), completam:

“O podcasting desperta especial interesse devido ao fato de que o meio rádio – que já foi veículo privilegiado em projetos de construção de identidades nacionais e esvaziou-se ao longo das últimas décadas – vive um momento de redefinição, diante da revolução trazida pela convergência tecnológica. Diversos sistemas de rádio digital encontram-se em fase de testes ou implantação, alterando dramaticamente a forma de recepção radiofônica, com desdobramentos profundos na indústria da cultura e do entretenimento (Herschmann e Kischinhevsky 2008, p. 102).”

O *podcast* dá ao jornalista um novo meio de contato com o público ao ter a chance de disponibilizar informações diretamente a um grupo específico de indivíduos por meio da internet. Estes, por sua vez, ganham a oportunidade de procurar pelo assunto que lhes interessam graças ao meio em que os programas são disponibilizados.

3.3.1 Podcasting: micromídia ou mídia de nicho?

Segundo Primo (2005), antes de compreender a inserção do *podcasting* no contexto comunicacional é preciso entender a estrutura contemporânea da mídia. Em seu artigo “Para além da Emissão sonora”, Primo destaca três níveis midiáticos: a mídia de massa, a micromídia e a mídia de nicho (apud Thornton, 1996). A micromídia se caracteriza por ser um conjunto de meios de baixa circulação e que visam pequenos públicos, como impressos rudimentares e ferramentas digitais. O objetivo da micromídia é promover subculturas. Assim, as informações adquiridas por meio de fanzines, rádios livres, arquivos na Internet, entre outros, por exemplo, possuem maior credibilidade do que os meios massivos. Estes são vistos como distribuidores de informações distorcidas, baseadas em interesses puramente mercadológicos.

A mídia de nicho, por sua vez, também visa atingir públicos específicos, entretanto, esta tem maior alcance e sofisticação que a micromídia. A mídia de nicho trabalha no sentido de produzir conteúdo para um público-alvo bem segmentado, cujo perfil é avaliado através de constantes pesquisas de marketing. As condições de produção da mídia de nicho, sugere-se, assemelham-se mais às da mídia de massa. Além do impacto da divisão do trabalho no sistema produtivo e do uso frequente dos mesmos canais de distribuição, a pressão de interesses econômicos e políticos também pesa na política editorial desses meios. (Primo, 2005).

Em suma, o *podcasting* pode ser classificado como micromídia quando este passa a ser produzido por indivíduos e grupos sem vinculação com corporações de mídia e que atinjam pequenas audiências. Entretanto, empresas que atuam na mídia de massa e de nicho igualmente produzem seus próprios *podcasts*, o que dificulta sua definição. Apesar disso, segundo Primo (2005), a publicação desses arquivos de áudio não determina necessariamente que o *podcasting* seja uma mídia de nicho ou uma micromídia. Tal classificação não pode partir somente da tecnologia utilizada. Precisa levar em conta as condições de produção e a relação entre as instâncias de produção e de recepção.

A micromídia, portanto, está atrelada à facilidade de produção desses programas, bem como a capacidade do indivíduo em produzir seus conteúdos da própria casa. Já a mídia de nicho está ligada ao conteúdo que será exposto nos programas e como este será recepcionado pelos ouvintes. As informações passam a ser produzidas para um público específico, fazendo com que o jornalista conheça ainda mais sobre as informações disponibilizadas nesses programas.

3.3.2 A produção e a interação com os ouvintes

Um *podcast* pode ser produzido por uma única pessoa, tendo como recurso para a gravação um microfone ou um gravador digital para captação do áudio e um computador conectado na internet para edição e compartilhamento dos dados. Além disso, um servidor na rede é necessário para o armazenamento dos programas produzidos e do recurso RSS. Segundo Primo (2005), essa produção oferece ao *podcaster* um contato muito próximo de seu produto, em contraste com a produção de programas radiofônicos massivos, em que muitos atores do processo produtivo acabam tendo pouco contato, ou até mesmo nenhum, com o produto final.

Até mesmo as produções caseiras podem ter alta qualidade sonora e custo baixo devido a dedicação do produtor envolvido na realização do programa.

A produção e a veiculação desses episódios na internet geram efeitos na forma como emissor e receptor irão interagir desde o momento da publicação do programa, até o próximo conteúdo distribuído. Da mesma forma que em blogs, um *podcaster* pode comentar o que foi dito em outro programa que escutou, do mesmo modo que os ouvintes também o fazem. Além disso, o conteúdo dos *podcasts* pode ser citado e debatido em outras formas de micromídia digital, como blogs e fóruns. Em vez de uma distribuição simultânea para milhares ou milhões de pessoas sintonizadas ao mesmo tempo, como faz o rádio, o *podcast* atinge públicos pequenos, mas interconectados entre si (Primo, 2005).

Os ouvintes, portanto, estão livres para debater nos espaços destinados a eles. Tais manifestações podem gerar consequências em episódios futuros, já que o *podcaster* irá ler o comentário, gerando assim uma troca comunicativa entre eles. Segundo Primo (2005), essa relação dialogal não acontece no espaço assíncrono dos episódios, mas no blog do *podcast*. Ali, qualquer interagente pode discordar, oferecer sugestões e críticas e debater os assuntos tratados nos episódios. Da interação meramente reativa com o arquivo *podcast*, pode-se passar para interações mútuas. Essa interação se diferencia da mediada pelo meio rádio, pois esta possui a instância da produção para controlar as mensagens que “passam” para o contato do jornalista. Esse “controle” também pode ser exercido nos blogs por meio do bloqueio da área dos comentários. Caso o jornalista queira essa interação, basta deixar este espaço aberto.

3.3.3 Distribuição e acesso

Para Primo (2005), o modo de distribuição de *podcasts* diferencia-se radicalmente da radiodifusão. Para esta, a última etapa do processo de distribuição é feita tradicionalmente por meio de transmissões de ondas eletromagnéticas captadas e sintonizadas pelas antenas de receptores de rádio. Ou seja, a escuta se dá sincronicamente com a emissão do sinal. Desta forma, em programas ao vivo os apresentadores/locutores podem conversar com colegas da emissora, com entrevistados e mesmo com ouvintes ao mesmo tempo que o programa é sintonizado pela audiência. No *podcasting* essa sincronia é quebrada, pois o tempo de produção e publicação não coincide com o da escuta. Após gravar a versão final do programa em um

arquivo de áudio (normalmente em formato MP3), o podcaster o envia para um servidor (Primo, 2005).

Para que estes programas sejam acessíveis pelo público é preciso fazer o upload de um arquivo RSS (Real Simple Syndication). Este pequeno arquivo de texto, escrito na linguagem XML, permitirá que softwares chamados de “agregadores” possam ser “avisados” quando um novo episódio do *podcast* for publicado, disparando seu download automático para quem for assinante do serviço. Ao contrário do rádio há uma dessincronia entre produção, publicação e, posteriormente, a escuta do ouvinte. Fato que para Primo, não se torna um problema. “O podcasting não depende da proximidade dos ouvintes de um centro transmissor. A rigor, a questão do alcance sempre foi um problema para a mídia alternativa”, ressalta Primo (2005).

A Rede, portanto, facilita a divulgação de informações por parte de especialistas, aficionados ou de pessoas simplesmente interessadas por determinado assunto.

As empresas logo perceberam a possibilidade de expandir a transmissão de informações sobre assuntos que não teriam espaço na programação normal da emissora de rádio. Segundo Herschmann e Kischinhevsky (2008), o *podcasting* franqueia ao consumidor a opção de pôr “no ar” programações radiofônicas que gostaria de ouvir, mas que não encontra no dial. Com a evolução do meio, os programas/episódios que antes apresentavam sequências de músicas pedidas pelos internautas agora mesclam locuções, efeitos e trilhas sonoras. Na maioria dos casos, os conteúdos permanecem presos aos formatos de programas do rádio analógico. Contudo, ganham força outras formas de expressão que transcendem a gramática das emissoras comerciais, como a veiculação de análises, palestras, debates.

Certamente, um fator de sedução é a ausência de regras rígidas nos *podcasts*. Não há padrões de locução ou restrições em termos de linguagem e temas abordados. A principal hierarquização se dá por meio dos diretórios, que, muitas vezes, classificam as emissoras a partir de rótulos preexistentes, com ancoragem nas rádios convencionais (Herschmann e Kischinhevsky, 2008).

4. O Futebol Americano na Rádio Gaúcha por meio dos *podcasts*

O esporte constitui-se em objeto tão importante da cobertura jornalística que, nas grandes emissoras, leva à criação de uma área organizacional própria. Esta adquire, conforme a rádio, a denominação de central ou departamento, predominando o foco sobre o futebol. Em menor proporção, outras modalidades recebem também um tratamento jornalístico. (Ferraretto, 2014)

Entre essas modalidades, está o futebol americano divulgado por meio do *Podcast* “ExtraPoint”, produzido pelo jornalista Renan Jardim, veiculado pela Rádio Gaúcha e disponibilizado na internet por meio do blog TouchDown Gaúcha. O projeto de cobrir o esporte surgiu em 2014 quando o comentarista Wianey Carlet demonstrou interesse pelo assunto. Em seu programa, o Super Sábado, Wianey comentou com seu produtor Henrique Jasper que uma seletiva de futebol americano aconteceria em Viamão, era do Viamão Raptors. Henrique Jasper, por conhecer o esporte e praticá-lo, explicou “no ar” a existência de outros times no RS. Munido de mais informações sobre o esporte, Wianey pediu para gravarem 1 minuto sobre a modalidade em todos os sábados a partir daquele momento. Jasper se juntou com Igor Carrasco, outro fã do esporte. Semanas depois, Renan Jardim completou o grupo.

Com três pessoas, o grupo continuou com o processo de conquistar mais espaço para o esporte na mídia. O segundo passo, portanto, era de ter um espaço fixo no ar e no digital. O um minuto do rádio com boletim seco, sem sonora, se transformou em um minuto e meio com trilha, sonoras e com três vozes. A terceira etapa foi a passagem para o digital. Segundo Jardim (2016) começou-se a publicar sobre NFL e competições estaduais no site da Gaúcha. Como os jogos da liga americana terminavam de madrugada, era impossível publicar os resultados da casa dos jornalistas, por restrição do sistema de publicações da redação. Os três pediram para criarem um blog e assim terem mais liberdade em publicar as informações de qualquer lugar, a qualquer hora. O nome dado ao blog é bem simples, apenas uniu-se um elemento do esporte com o da rádio.

Segundo Jardim (2016), a quarta etapa do processo foi o *podcast*. No início, ainda com três pessoas, o programa virava um bate-papo bem-humorado sobre diversos assuntos ao longo da semana no esporte. Quando Renan ficou sozinho na apresentação do programa, foram incluídas entrevistas ao roteiro dos episódios.

As primeiras notícias publicadas no blog eram alvos de crítica por parte dos internautas. Comentários como “existe isso aqui?” ou “nunca vai pegar, brasileiro não gosta disso” eram constantemente vistos. Alguns falavam especificamente do ritmo e da forma como o jogo era jogado como “muito violento” e “jogo para demais”. Apesar disso, aos poucos o jornalista foi utilizando das críticas para gerar mais conteúdos para informar o público e desmistificar preconceitos com o esporte.

Segundo Jardim (2018), havia sempre o cuidado de falar para 8 e 80. Desde a pessoa que está escutando o programa pela primeira vez até o *head coach* do time que vai ouvir o episódio para se informar sobre o que está acontecendo no cenário esportivo gaúcho. O público ouvinte do ExtraPoint que já conhecia o esporte compreendia a necessidade de adequar alguns termos para linguagens mais acessíveis ao grande público. Ao mesmo passo, o jornalista não podia deixar de analisar tecnicamente o que acontecia nos jogos, como esquemas táticos, estratégias de jogadas etc.

Ao longo dos anos em que estive no ar (2014-2017), o projeto Touchdown Gaúcha produziu diversos produtos para a Rádio, adequando a linguagem informativa em cada um. O principal era o blog, em seguida vinha o *podcast* e as transmissões ao vivo por meio das redes sociais, e, por fim, o material que ia para a rádio aos sábados. O blog funcionava como uma central de notícias, no qual o *podcast* as completavam com áudio. Entrevistas eram adicionadas na íntegra no blog (em áudio), apenas com uma prévia no episódio disponível para o ouvinte. Já o programete de três minutos que ia para o ar aos sábados pela manhã servia como um “divulgador” dos acontecimentos da semana. Linguagem simples. Serviço de jogo e o que acontecia no cenário gaúcho, evitando ao máximo termos técnicos.

O roteiro do programete era redigido com o texto para ser gravado. Segundo Jardim (2018), o *podcast* tinha mais liberdade de gravação. Por meio de tópicos o apresentador ia gravando, sem cortes ou edições. Se o jornalista errou, corrigia no mesmo instante e seguia a apresentação do programa como se fosse ao vivo. As entrevistas gravadas seguiam o mesmo processo. Com o pouco tempo que havia disponível para o programete na grade de programação da Gaúcha, o conteúdo tinha de ser direto, conciso e com pouca sonora de entrevista. Já o *podcast* tinha maior duração, variando entre 20 minutos a uma hora de duração.

O tempo dos programas, inclusive, era fator relevante na produção dos episódios. Um *podcast* considerado bom tinha que ter no máximo 20 minutos, com bate-papo, informações sobre os jogos, sobre as partidas da semana, a situação do campeonato, notas de serviço e outros dados relacionados ao esporte no Estado. A maioria dos programas ficou com 20 a 25 minutos de duração. Já aqueles mais extensos, com 40 minutos ou mais, recebiam a inclusão de entrevistas completas ou prévias das que seriam publicadas no blog. Se alguma rendesse muita conversa, era criado um episódio extra.

Após a publicação no blog e a divulgação nas redes sociais, Renan Jardim verificava a interação do público com o episódio produzido. Para Jardim (2018), a interação dependia muito conforme era o conteúdo do programa. Este era publicado na quinta-feira, com três sonoras de entrevistados, no mínimo. A entrevista na íntegra ia para o ar na sexta-feira e no sábado, usando como “isca” o programa do dia anterior. Na segunda-feira seguinte, a interação era verificada a partir da leitura dos comentários deixados no blog e nas redes sociais. Se havia pouca receptividade, no domingo de noite era usada a transmissão ao vivo (*live*) no facebook para conversar com os ouvintes/internautas.

A interação entre jornalista e público era impulsionada pela audiência já consolidada da Gaúcha nas redes sociais. No facebook, por exemplo, eram mais de 500 mil likes na página da Rádio, fato que aumentava o alcance das transmissões. Em alguns programas, após o fim da gravação em áudio, Renan começava uma *live* no facebook com os “bastidores da gravação” daquele episódio. Naquele momento, o jornalista se comunicava com os dois tipos de público, aquele que ouviria posteriormente o programa completo e o outro que estava acompanhando em tempo real a gravação do *podcast*. Eram 10 minutos em que o *podcast* ganhava um toque de “ao vivo”.

4.1 A contribuição da imprensa para a evolução do esporte no Estado

É nítida a evolução do futebol americano praticado no Rio Grande do Sul ao longo dos anos, desde o início em 2008. Basta verificar o desenvolvimento histórico das competições e o crescimento econômico dos clubes. Fato comprovado com a mudança da modalidade *no pads* para a *full pads*, entre outros. Para Jardim (2018), dois fatores fizeram com que o esporte crescesse dessa forma no Estado, e um depende diretamente do outro. A melhor organização dos times e o envolvimento da imprensa.

Em 2014, a Gaúcha começou a publicar notícias sobre o futebol americano no Rio Grande do Sul. Em 2015, sete times disputaram o Campeonato Gaúcho, com todos os jogos sendo cobertos pela Rádio. Em 2016, dez times participaram e todas as cidades com algum clube de FA teve cobertura da Gaúcha. Durante esse período, jogadores de clubes do Estado eram ouvintes assíduos dos programas. Era por meio destes que notícias sobre seletivas, times, entre outros assuntos, eram conhecidos.

E não foi apenas com a divulgação de informações esportivas que o jornalista auxiliava os clubes gaúchos de futebol americano. Segundo Jardim (2018), a maioria não possuía estrutura suficiente para ter ao mesmo tempo uma equipe de comunicação e um time competitivo, era uma coisa ou outra. Assim, além da cobertura jornalística, Renan atuava como consultor de comunicação, dando dicas de como os clubes poderiam promover suas marcas. Era incentivado o uso das redes sociais para divulgação de notícias sobre os clubes, a criação de eventos com o objetivo de atrair o público para conhecer o clube, melhorar a divulgação de contratações etc. O relacionamento do time com a imprensa também era debatido com os dirigentes. Cada área que forma um clube de futebol americano necessitava de alguém entendido do assunto. Um agente financeiro para a contabilidade, um assessor de imprensa para a comunicação, atletas sendo apenas atletas etc.

Jornalisticamente, as matérias eram apuradas como eram feitas com a dupla Grêmio e Internacional, ao qual o tempo do jornalista era dividido. Durante a semana com matérias de pré-jogo, entrevistas, análises, serviço do jogo, crônicas, pós-jogo com entrevistas e etc.. Isso "profissionalizava" o assunto, pois toda a semana tinha no mínimo quatro pessoas diferentes sendo entrevistadas para o blog e o *podcast*.

Como dividia seu tempo com a dupla Gre-Nal, Renan Jardim não conseguia cobrir todos os jogos. Apesar disso, isso não atrapalhava o seu trabalho. Segundo Jardim (2018), a RBS gostava de ter um blog destinado a um nicho de público na internet, assim como ter um especialista no assunto. No entanto, não dispensaria verba ou tempo exclusivo do jornalista para o segmento.

Em 2015 e 2016, a data da maioria dos jogos do Gauchão de FA conciliaram com os dias de folga do jornalista. Com isso, ele viajava com o próprio carro até a cidade em que estava

acontecendo a partida, e realizava a cobertura jornalística do evento. Acompanhado de sua esposa, que lhe ajudou em muitas viagens e jogos, Renan Jardim praticamente não teve folga nesse período. Nos dias em que não conseguia comparecer ao local da partida, contava com a ajuda de colegas da imprensa que estiveram no jogo para obter as informações. As informações decididas por presidentes de equipes após o término de jogos também foi importante para apuração do jornalista e posteriormente divulgação das informações no blog, nas redes sociais e, claro, nos *podcasts*.

A cobertura dos jogos nos estádios se tornava complicada devido à falta de estrutura dos locais. Segundo Jardim (2018), mesmo com as dificuldades era algo que o repórter amava fazer:

“Durante a semana eu entrava em contato com o time para saber se havia ponto de luz, cabine, mesa, internet, essas coisas. Eu levava o notebook, uma extensão, carregador e uma câmera que pegava emprestada da rádio. Minha esposa ficava na arquibancada ou cabine cuidando do material. No primeiro tempo eu fazia as fotos no campo que iriam para as redes sociais: Twitter e Instagram, ou abria um post no Facebook e ia atualizando nos comentários sobre o andamento da partida. No intervalo eu abria o notebook e começava a escrever a crônica do jogo. Depois da partida reiniciada, deixava minha esposa editando as fotos. Ela não é da área, mas me ajudava muito separando fotos tremidas ou repetidas. No fim do jogo eu fazia as fotos finais, fotos com os vencedores e tudo mais. Subia para a cabine ou arquibancada e terminava o texto para publicar no blog. Rezava bastante para a internet ajudar no upload das fotos. Revisava o texto e publicava a matéria do blog e nas redes sociais. Eu sempre era o último a sair do estádio (Jardim, 2018).”

4.2. Registrando a história

O jornalista vive para contar histórias, relatar acontecimentos e registrar tudo por meio das palavras que fala e escreve. Em consequência disso, tudo o que foi produzido por ele fica armazenado em páginas de jornais, gravações de rádio e de televisão e em matérias na internet. Com o *podcast* não é diferente. A participação do repórter Renan Jardim no registro dos acontecimentos é fato. Durante o período em que esteve no ar, o *podcast* entrevistou representantes de todos os clubes do Estado, além de alguns atletas, trouxe dados das equipes, análises sobre jogos e informações sobre eventos.

O programa deu voz para muitas pessoas nesse período (2014-2017), em que todos os times participaram de alguma forma na construção dos episódios do ExtraPoint. Segundo Jardim (2018):

“Não tem no estado uma única pessoa que possa dizer: você nunca deu espaço para o meu time ou nunca botou uma pessoa do meu time para falar. E num programa de rádio ou TV isso seria quase impossível. A ferramenta podcast te permite isso. Claro, você precisa saber usá-la, pois ela depende de métricas para alcançar seu público alvo. Entrevistas podem ser mais longas que o rádio, mas não tão extensas que façam o ouvinte desligar. O site escrito me permitiu muitas coisas, mas a minha diversão mesmo eram os podcast, pela edição e efeitos que eu conseguia colocar nas entrevistas. (Jardim, 2018).”

Segundo Jardim (2018), de forma inédita no Rio Grande do Sul, o futebol americano teve uma cobertura real do esporte:

“Posso afirmar que o Touchdown Gaúcha, realmente elevou o nível de imprensa que temos cobrindo o esporte no RS e até mesmo no Brasil. (...) pelo que observo no cenário Brasileiro, os veículos que cobrem, fazem o registro anunciando o jogo e o resultado. Alguns até falam de contratações, mas uma cobertura completa com análise, vídeos, fotos dos jogos, matérias pré-jogo, entrevistas, opiniões, matérias pós-jogo com crônicas, podcast com entrevistas, serviço dos jogos, seletivas, eventos, contratações, entrevistas com árbitros, presidentes, empresários da área, investidores, governantes e até denúncias de times, bem... isso eu garanto que ninguém no Brasil fazia melhor do que a gente (Jardim, 2018).”

O *podcast*, portanto, adquire relevante papel na comunicação entre o seu produtor e o público ao abrir espaço para que qualquer tipo de assunto possa ser debatido. Assim como o meio rádio o faz para assuntos de interesse público, o *podcast* informa, propicia debates, análises, forma opiniões e divulga serviços sobre diversos outros temas.

4.3 A análise do *podcast* ExtraPoint

Neste trabalho, optou-se por analisar o conteúdo dos podcasts veiculados pela Rádio Gaúcha por meio do blog Touchdown Gaúcha por ser este o espaço dado ao Futebol Americano em um grande veículo de comunicação brasileiro. É por intermédio de cada episódio que informações, serviços e análises sobre o esporte praticado no Rio Grande do Sul sejam transmitidas ao público. Além disso, o ExtraPoint abre precedência para que outras modalidades “menores” tenham destaque futuramente no meio radiofônico.

A metodologia escolhida para este estudo foi a análise de conteúdo. De maneira geral, pode-se defini-la como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores

(quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016).

A leitura feita pelo pesquisador servirá para realçar um sentido contido em segundo plano no material analisado. Segundo Bardin (2016) essa abordagem metodológica tem por finalidade efetuar deduções lógicas e justificadas, referentes à origem das mensagens tomadas em consideração (o emissor e o seu contexto, ou, eventualmente, os efeitos dessas mensagens).

Historicamente, o primeiro nome que de fato ilustra o início da análise de conteúdo é o de H.Lasswell, quando realizou análises de imprensa e de propaganda desde meados de 1915. Mais precisamente, nos Estados Unidos, no contexto behaviorista das ciências humanas e por interesse dos governos em adivinhar as orientações políticas e estratégicas dos países estrangeiros, com a ajuda de documentos acessíveis (imprensa e rádio), que fez do analista um detetive munido de instrumentos de precisão (Bardin, 2016).

Entre as técnicas possíveis a serem utilizadas para análise de conteúdo está a categorial. Esta funciona pelo desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos. Entre as diferentes possibilidades de categorização, a investigação dos temas, ou análise temática, é rápida e eficaz na condição de se aplicar a discursos diretos (significações manifestas) e simples. É um processo de tipo estruturalista e comporta duas etapas: o inventário e a classificação. A primeira consiste em isolar os elementos, enquanto a segunda é responsável por repartir os elementos e, portanto, procurar ou impor certa organização às mensagens (Bardin, 2016).

Para este estudo seguiu-se o processo descrito por Bardin (2016) em que três polos cronológicos são necessários para a análise de conteúdo: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Segundo Bardin (2016) a pré-análise é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, mas tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. Para tanto, outros dois processos são necessários para a realização deste estudo: a leitura flutuante e a escolha dos documentos.

O primeiro consistiu na escuta de todos os *podcasts* produzidos pelo Touchdown Gaúcha durante o ano de 2016. Essa prática me permitiu o contato na íntegra de todo conteúdo veiculado pela Rádio durante esse período. A seguir, foi realizado o segundo passo, em que ocorre a escolha do material que será analisado. Ao passo que anteriormente era de meu conhecimento todas as informações transmitidas nos 44 episódios gravados nesse ano, foi possível delimitar o período que seria propriamente estudado e, conseqüentemente, o total de arquivos analisáveis. Segundo Bardin (2016) o objetivo da análise quando o assunto já determinado, convém escolher o universo de documentos suscetíveis de fornecer informações sobre o levantado. Assim, escolheu-se por analisar apenas os *podcasts* produzidos durante o andamento do Campeonato Gaúcho de Futebol Americano realizado em 2016.

O segundo polo de análise consistiu na exploração do material. Segundo Bardin (2016), se as diferentes operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, esta etapa não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas, já que se refere a análise propriamente dita do material escolhido. Esta fase consiste essencialmente em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente formuladas.

Para cada assunto abordado pelo jornalista Renan Jardim foi determinado como unidade de codificação um determinado tema. Sendo assim, para classificá-los foram definidas cinco grandes categorias divididas entre os gêneros jornalísticos correspondentes. São eles o gênero informativo, o gênero opinativo, o gênero interpretativo, o gênero utilitário e o gênero diversional. Para cada uma destas categorias principais, foram classificadas subcategorias, ao passo que os temas abordados nos *podcasts* foram sendo classificados em cada uma. Para esta classificação foi estabelecido o seguinte critério: o assunto necessita estar relacionado diretamente com o tema “Futebol Americano”, desde o comentário do ouvinte ao furo jornalístico. Outros assuntos que não trouxessem conteúdos relevantes para a análise foram descartados.

Segundo Bardin (2016) o processo final de análise aborda o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação do pesquisador. Os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos e válidos. O analista, possuindo os resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou sobre descobertas inesperadas.

Para esta análise foram selecionados todos os *podcasts* produzidos pelo jornalista Renan Jardim e veiculados pela Rádio Gaúcha entre os dias de 18 de fevereiro a 21 de junho de 2016. Esse período compreende a realização do campeonato gaúcho de futebol americano nesse ano. O *corpus* desta pesquisa, portanto, contém todos os programas veiculados entre uma semana antes do início do campeonato e uma semana após o término da competição.

No total, foram selecionados 17 episódios. Entre estes, apenas os programas publicados no blog Touchdown Gaúcha foram analisados, descartando assim outros programas transmitidos na Rádio durante o período. Os conteúdos abordados nos programas foram divididos entre os gêneros informativo, opinativo, interpretativo, utilitário e diversional. Para cada um destes foram estabelecidas subcategorias conforme o assunto contido nos episódios desse período.

4.3.1 Gênero Informativo

O gênero informativo englobou seis subcategorias: notícias sobre partidas que acontecerão, entrevista na íntegra no *podcast*, trecho de entrevista no *podcast*, relatos sobre acontecimentos no gramado durante jogos, prévias de assuntos que serão abordados em episódios seguintes e notícias sobre a NFL.

A primeira subcategoria é autoexplicativa, ou seja, sínteses noticiosas sobre partidas que aconteceriam após a veiculação do respectivo episódio eram dadas pelo jornalista Renan Jardim. Nestas, as informações eram transmitidas de maneira breve, com o nome das equipes que se enfrentariam no futuro. A segunda classificação determinada (entrevistas na íntegra) diz respeito ao áudio de entrevistas incluído por completo no episódio. Já a subcategoria trecho de entrevista no *podcast* se resume às inserções transmitidas pelo jornalista. Nelas apenas alguns segundos da entrevista completa eram incluídos no roteiro do programa. Tal atitude era utilizada como “isca” para chamar o ouvinte a acessar o blog no dia seguinte, em que o áudio completo estaria publicado. Ao todo foram 21 entrevistas distribuídas entre os 17 episódios. Atletas, técnicos, dirigentes de equipes e até o presidente da FGFA foram entrevistados por Renan Jardim. Já os relatos sobre acontecimentos no gramado abordam fatos presenciados pelo jornalista enquanto cobria algumas partidas durante o campeonato. Discussões entre técnicos e atletas da própria equipe, discussões sobre regras entre jogadores e árbitros foram constatadas e abordadas pelo jornalista em alguns episódios. As prévias do que seria abordado em episódios

seguintes também é prática recorrente nos programas. Mais especificamente ao final do *podcast*, Renan Jardim promete aos ouvintes entrevistas com jogadores, técnicos ou outros representantes de clubes, informa sobre premiações de atletas e a maneira que recebe informações de outros jornalistas quando ele não pode estar presente. Por fim, notícias sobre a NFL foram pouco constatadas, apenas dois episódios abordaram assuntos relacionados ao tema, entre eles uma entrevista realizada com outro jornalista sobre o assunto *Draft* (escolha de jogadores universitários pelas equipes da NFL).

4.3.2 Gênero Opinativo

O gênero opinativo contou com seis subcategorias, entre elas, comentários de partidas em que o jornalista não esteve presente no evento, comentários de partidas em que o jornalista esteve no evento, opinião sobre a comportamento da arbitragem durante os jogos, a relevância do uso de redes sociais para a comunicação dos clubes com seus torcedores, a interação com os ouvintes e a linguagem do futebol americano utilizada nos programas.

Renan Jardim ressalta em vários episódios que não gosta de comentar ou opinar sobre partidas em que não esteve presente realizando a cobertura jornalística. Apesar disso, em algumas oportunidades o jornalista tem acesso as informações por meio de outros jornalistas, fato que faz com que ele opine minimamente sobre o jogo baseado no histórico anterior das equipes. Já os comentários de partidas em que o jornalista esteve presente é recheado de análises e opiniões que ele mesmo salienta (ao dizer “na minha opinião” ou “no meu entendimento”) trazendo dados sobre as jogadas, sobre os jogadores e sobre o ambiente do estádio. Atitudes antidesportivas, como *tackles* desleais ou a busca por jogadas que trouxessem perigo à integridade física dos atletas também foi problematizado por Renan Jardim.

Sobre a relevância do uso das redes para a comunicação dos clubes com seus torcedores, Renan Jardim comenta sobre o uso das mídias para que torcedores conheçam mais sobre os clubes de que são fãs. O jornalista dá exemplos de como é necessário lidar com cada uma das principais redes sociais (Facebook, Twitter e Instagram) para aproximar o público do clube. Lives no facebook ou por meio do *periscope*, ferramenta do twitter, são alguns exemplos de ferramentas que podem ser utilizadas pelos clubes. Propagandas, criação de eventos e veiculação de seletivas nas páginas oficiais dos clubes também são citados como formas de divulgação da equipe. Segundo Jardim (2018), as mídias servem como publicidade gratuita aos

clubes, que de maneira correta podem impulsionar a comunicação, além de informar os torcedores diretamente, sem necessitar de intermediários.

Em um dos episódios, Renan Jardim abre espaço para a leitura de comentários dos ouvintes. Neste episódio o jornalista responde comentários, queixas, entre outras coisas relatadas na área destinada a interação, presente no blog. Interessante que ao ler os comentários, um ouvinte lembra o jornalista de um jogo na modalidade *no pads* entre equipes menores do RS, fazendo com que o jornalista informe indiretamente a realização de um evento. Comentários variados, entre outros assuntos também são lidos pelo jornalista.

Por fim, mas não menos importante, foi constatado a utilização de termos específicos do futebol americano para integrar as opiniões e análises do jornalista. Algumas como *tackle*, *delay of game*, *snap*, *touchdown*, *field goal*, entre outros foram utilizados.

4.3.3 Gênero Interpretativo

O gênero interpretativo contou com três subcategorias: análise dos times do campeonato, análise da cobertura da imprensa e análise de táticas utilizadas por times nos jogos.

A análise dos times aconteceu no primeiro episódio da lista de selecionados para estarem presentes neste estudo, produzido em 18 de janeiro de 2016. Renan Jardim e Henrique Jasper (então estagiário da Gaúcha) analisaram cada equipe que disputaria o campeonato naquele ano. Estabelecendo critérios de avaliação, contextualizaram o ouvinte em relação ao que cada equipe havia feito em edições passadas e o que poderia fazer nessa competição. Os favoritos para se classificarem, quais equipes se reforçaram melhor ou que deixaram de qualificar o elenco, assim como a qualidade dos clubes foram aspectos avaliados pelos dois. A cobertura da imprensa também foi problematizada pelo jornalista no primeiro episódio, quando contextualiza o ouvinte sobre a escassez de veículos de mídia que cobriam o futebol americano antes do surgimento do Touchdown Gaúcha ao mesmo tempo que relata a adesão de novos jornalistas na cobertura do esporte após a criação do blog. Por último, a análise tática das estratégias utilizadas pelos times é verificada quando Renan Jardim aborda termos específicos como por exemplo “variação de 6x2 que caiu para um 5x3”, também no primeiro episódio.

4.3.4 Gênero Utilitário

O gênero utilitário igualou o citado anteriormente, contando também com três subcategorias. Foram verificados serviços de jogos, avisos da disponibilidade de download do *podcast* e avisos sobre seletivas e outros eventos realizados pelos clubes.

Os serviços de jogos concentraram as informações referentes aos preços dos ingressos, locais de venda, como poderiam ser adquiridos, locais de realização dos jogos, previsão do tempo na hora do jogo, horários. Já os avisos da disponibilidade de download foram classificados como utilitário já que esteve presente em quase todos os episódios selecionados, contando apenas um em que não foi mencionado. Renan Jardim informava ao ouvinte a disponibilização do áudio em um tamanho pequeno de arquivo, porém, com ótima qualidade. Ele informa que o episódio pode ser arquivado em qualquer dispositivo, sendo possível o download no momento em que o ouvinte preferir.

As informações sobre seletivas e outros eventos fica por conta da transmissão do local, horário, data, quais as categorias disponíveis e quem poderia participar de cada uma delas. Os meios de obter mais informação também são divulgados a fim de aproximar o clube aos torcedores. Essa subcategoria ficou dividida do serviço de jogo pois entendeu-se ser um evento separado de uma situação de jogo, em que o clube organiza por conta própria, sem a supervisão da Federação Gaúcha de Futebol Americano ou o compartilhamento com outras equipes.

Entretanto, o gênero diversional não foi constatado em nenhum dos episódios selecionados, ocasionando na não categorização deste gênero.

A tabela geral com os cinco gêneros jornalísticos categorizados, assim como as suas respectivas subcategorias foram anexadas à tabela abaixo.

Gênero Jornalístico	Subcategorias	Quantidade	%
Informativo	Notícias sobre partidas que acontecerão, entrevista na íntegra no <i>podcast</i> , trecho de entrevista no <i>podcast</i> , relatos sobre acontecimentos no gramado durante jogos, prévias de assuntos que serão abordados em episódios seguintes e notícias sobre a NFL.	6	4,16
Opinativo	Comentários de partidas em que o jornalista não esteve presente no evento, comentários de partidas em que o jornalista esteve no evento, opinião sobre a comportamento da arbitragem durante os jogos, a relevância do uso de redes sociais para a comunicação dos clubes com seus torcedores, a interação com os ouvintes e a linguagem do futebol americano utilizada nos programas.	6	4,16
Interpretativo	Análise dos times do campeonato, análise da cobertura da imprensa e análise de táticas utilizadas por times nos jogos.	3	8,33
Utilitário	Serviços de jogos, avisos da disponibilidade de download do <i>podcast</i> e avisos sobre seletivas e outros eventos realizados pelos clubes.	3	8,33
Diversional	Nenhuma subcategoria foi definida	0	0
Total		18	100

Quadro 1 – Divisão dos gêneros jornalísticos em subcategorias. Fonte: Dados da pesquisa⁷.

⁷ A porcentagem contida em cada categoria se refere a cada subcategoria dentro dela.

5. Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo compreender a comunicação realizada por meio dos *podcasts* produzidos pelo jornalista Renan Jardim e veiculados pela Rádio Gaúcha por meio do blog Touchdown Gaúcha. Além disso, o modo de apuração e transmissão das informações também foi analisado. A partir da análise de conteúdo dos 17 episódios selecionados foi possível estabelecer cinco categorias em que estão compreendidos gêneros jornalísticos, assim como 18 outras subcategorias derivadas destas. Após a pesquisa, podem ser realizadas algumas considerações sobre o que foi constatado durante a análise.

O capítulo sobre a história do futebol americano praticado no Brasil e, principalmente, no Rio Grande do Sul, mostrou a evolução do esporte ao longo dos anos. Este crescimento foi demonstrado por meio das informações históricas trazidas à pesquisa, de modo a demonstrar o sucesso crescente entre o público gaúcho. Além disso, a história do esporte desde o seu “berço”, assim como os principais conceitos ligados ao segmento foram de suma importância para compreender como o jogo acontece.

Já o capítulo correspondente à elucidação dos conceitos de jornalismo e *podcast* serviu de base para a análise de conteúdo propriamente dita. Não apenas isso, mas foi também importante para a contextualização desses temas. Foi a partir do conceito de especialista que se entendeu a relevância da busca constante pelo conhecimento do jornalista, seja ele da área esportiva, econômica, cultural etc.. Além disso, a seção específica que trata do desenvolvimento ao longo dos anos da presença do esporte na mídia internacional e nacional mostrou como esportes hoje de massa, como o futebol, algum dia já foram classificados como secundários. Fato que coloca o futebol americano como assunto a ser melhor explorado pela grande mídia no futuro. Outro ponto de discussão foi a classificação do *podcast* como mídia de nicho, no qual se constata o ExtraPoint como um produto a serviço de um público específico.

Para completar a pesquisa teórica, foram utilizadas duas entrevistas com o jornalista Renan Jardim a fim de elucidar a discussão sobre a produção do programa produzido por ele. A partir delas foi adquirido o conhecimento sobre o modo de produção, do tipo de linguagem utilizada durante a gravação dos episódios, além das estratégias de veiculação desses programas. A rotina de trabalho desse jornalista, o tipo de interação com os ouvintes, assim como a importância para o registro histórico do esporte no Estado também foram conhecidas.

É relevante ressaltar a quantidade de gêneros jornalísticos presentes nos episódios do ExtraPoint, dos cinco presentes neste estudo, quatro foram encontrados. A partir da categorização desses Gêneros, outras 18 subcategorias foram encontradas, de acordo com os assuntos abordados nos programas. Fato que mostra como este *podcast* utilizou não apenas do entretenimento para formar sua audiência, mas buscou informar o público de diferentes maneiras, seja com informações de times, análises de partidas, serviços de jogos etc.

O gênero informativo contou com seis subcategorias, um dos dois que mais englobaram assuntos. Nele foram encontradas notícias, relatos e entrevistas com diferentes agentes envolvidos com o tema futebol americano no ano de 2016.

Em segundo lugar, empatado com o gênero anterior, está o opinativo com seis subdivisões. Nesta categoria foram encontrados principalmente comentários e opiniões a respeito dos jogos, com cobertura do jornalista Renan Jardim ou não, além de comportamentos da arbitragem e de jogadores em casos específicos. A interação dos times com as redes sociais foi outro tema bastante discutido pelo jornalista durante a escuta dos programas. Citando exemplos de como melhorar a comunicação entre as partes, Renan Jardim atuou como assessor das equipes.

O gênero interpretativo ficou por conta de 3 subcategorias, sendo todas direcionadas à análise de times, cobertura da imprensa e táticas utilizadas pelas equipes em jogos. Com base em informações do passado, Renan Jardim buscou contextualizar o momento da equipe analisada no presente projetando, assim, seu futuro no campeonato. Ao realizar o mesmo processo na cobertura da imprensa, o jornalista informou aos ouvintes o espaço dado ao esporte antes, durante e depois do surgimento do blog Touchdown Gaúcha. Já as táticas foram analisadas com base no conhecimento do profissional, projetando o futuro das equipes.

Por último, o gênero utilitário foi classificado igualmente com três subdivisões. A divulgação de serviços de jogo como horários, locais de partidas, previsão do tempo no dia de jogo, entre outros, mostraram a utilidade em obter informações por meio desses programas. Fato que se repete com os avisos sobre seletivas, eventos realizados pelos clubes e a informação da disponibilidade de download do episódio.

O gênero diversional teve nenhuma subdivisão, já que não foram encontrados assuntos que se enquadrassem nessa categoria.

Ainda assim, cabe ressaltar a presença dos outros quatro gêneros jornalísticos, apesar da ausência de um dos citados nesta pesquisa. O *podcast* ExtraPoint se mostrou um produto jornalístico de relevância no cenário esportivo estadual e também nacional. Ao conter informações, análises, entrevistas e serviços de utilidade do ouvinte, cada episódio transmite conhecimento para seu público, assim como faz o rádio, a TV, o impresso e a internet, meio pelo qual o *podcast* chega aos indivíduos.

De forma geral, o trabalho realizado pelo jornalista Renan Jardim e o espaço cedido pela Rádio Gaúcha para essa modalidade esportiva, assim como a veiculação das informações por meio desse formato de mídia, merece reconhecimento. A partir do trabalho do jornalista, o futebol americano praticado em solo gaúcho teve a oportunidade de se expandir por meio dos conteúdos debatidos nos programas semanais. Desta maneira, temos um produto que informa, entretém o público, registra a história do esporte e abre precedente para que este e novos segmentos esportivos consigam espaço em grandes veículos de comunicação como a Rádio Gaúcha.

Referências

- ALCOBA Antonio. **Periodismo desportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2015.
- COELHO, Paulo. V. **Jornalismo Esportivo**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- CURTI, Antony. **Manual do Futebol Americano**. 2. ed São Paulo: Actionbooks, 2017.
- CARVALHO, P. M. **O processo de Criação de Podcast: Análise dos Recursos Criativos do Nerdcast**. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom, 2014, Foz do Iguaçu. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2357-1.pdf>>. Acesso em: 20 agosto. 2018.
- FERRARETTO, Luiz. A. **Rádio: Teoria e Prática**. São Paulo: Summus Editorial, 2014.
- HERSCHMANN, M; KISCHINHEVSKY, M. A “**geração podcasting**” e os novos usos da **rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento**. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 37, dezembro de 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4806/3610>>. Acesso em: 12 agosto. 2018.
- JARDIM, Renan. **Podcast Extrapoint e o futebol americano no Rio Grande do Sul**. Entrevistador: Rodrigo Fronza de Almeida em 5 out. 2018.
- _____. **Podcast Extrapoint e o futebol americano no Rio Grande do Sul**. Entrevistador: Rodrigo Fronza de Almeida em 20 abr. 2016.
- PRIMO, A. F. T. **Para além da emissão sonora: as interações no podcasting**. Intexto, Porto Alegre, n. 13, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/podcasting.pdf>>. Acesso em: 13 agosto. 2018.
- POZZI, Luis; RIBEIRO, Carlos Henrique V. Esporte e Mídia. In: DA COSTA, Lamartine (org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro. Conef, 2006.
- SILVEIRA, Nathália E. **Jornalismo Esportivo: conceitos e práticas**. 2009. 92f. Monografia (Bacharel em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo volume I**. Florianópolis: Insular, 2005.